

Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa  
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia

## **Família Contemporânea: complexidades e desafios atuais**

Luciana Novais de Oliveira Brito

Goiânia  
Abril de 2011

Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa  
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia

## **Família Contemporânea: complexidades e desafios atuais**

Luciana Novais de Oliveira Brito

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

**Orientador: Dr. Fábio Jesus Miranda**

Goiânia  
Abril de 2011

Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Pró-reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa  
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia

Folha de Avaliação

Luciana Novais de Oliveira Brito

**Família Contemporânea: complexidades e desafios atuais**

Esta dissertação foi apresentada à banca como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia do Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Goiânia, Abril de 2011.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Fábio Jesus Miranda  
Membro Presidente  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

---

Prof. Dr. Sebastião Benício da Costa Neto  
Membro Convidado  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Virginia Sales Gebrim.  
Membro Convidado  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Ana Cristina Resende  
Membro Suplente  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Goiânia  
Abril de 2011.

Com carinho aos meus pais.

## **Agradecimentos**

Nesta trajetória, caminhei junto a pessoas que muito me ajudaram, e a quem agradeço.

A Deus, pela sua presença constante em minha vida e por me possibilitar a realização de mais uma etapa;

Aos meus pais, por todo esforço, amor e confiança depositados em mim;

Ao meu esposo Dyego que sempre esteve ao meu lado me dando forças e acreditando em mim;

Aos meus irmãos pelo carinho e compreensão;

À Priscila pela indicação das famílias;

À Maria Auxiliadora pela escuta acolhedora, nos momentos de minhas inquietudes, angústias e alegrias;

Ao meu orientador Fabio Miranda, que acrescentou muito em minha formação pessoal, profissional e por sua rica experiência teórica e prática;

Às minhas amigas, Elaine, Mara, karol e Camila por estarem presentes nos momentos mais importantes de minha vida.

À Juliana Santos o carinho, o respeito e as palavras de encorajamento que tanto me incentivaram nos momentos mais difíceis, encorajando-me a finalizar essa jornada.

Aos meus colegas de trabalho Enerilda, Fabiola, Rogério e Paulo por toda paciência e compreensão durante meu trabalho, obrigada!

As famílias que se disponibilizaram a participar desta pesquisa;

À Pontifícia Universidade Católica de Goiás, que me possibilitaram condições de dedicação para realizar este estudo.

A todos aqueles que mesmo indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

## RESUMO

O presente trabalho buscou compreender o lugar que os pais têm ocupado no processo de criação/educação dos filhos, bem como a percepção dos mesmos sobre esse processo. Uma das características que se observa na contemporaneidade são a diversidade e complexidade das relações interpessoais. Nesse sentido, vivemos em um momento de dúvidas quanto ao ser e estar no mundo, onde os papéis sociais e familiares estão cada vez menos definidos. Assim, se faz necessário entender como a família vem se adaptando a essas transformações e como tem se configurado os conflitos que permeiam essas relações. Deste modo, entende-se que a relação entre pais e filhos é mediação para o desenvolvimento da subjetividade do indivíduo. A presente pesquisa enquadra-se no tipo qualitativo e utilizou-se a psicanálise como aporte teórico necessário para a compreensão da subjetividade dos sujeitos pesquisados. Os participantes da pesquisa foram duas famílias de Goiânia, ambas de classe média baixa e com filhos adolescentes da mesma escola, a entrevista foi realizada com cada membro separadamente, totalizando seis sujeitos. A partir dos núcleos de significação dos sujeitos, apreenderam-se o significado de família para cada um bem como o sentido de ser pai e mãe. Verificou-se que ambas as famílias fizeram uma representação idealizada da mesma, demonstrando uma contradição entre a família ideal e a família real. Além desses dados, outras categorias que foram criadas a partir do discurso dos participantes foram: a dificuldade dos pais de educar, de impor limites, as relações de simetria, a ausência de referências no processo de educar, entre outros. Como conclusão, verificou-se que os pais hoje se encontram sem referências claras na hora de educar e revelam as dificuldades de demonstrar a autoridade que lhe cabem apresentar junto a seus filhos. Os filhos por sua vez, expuseram o ressentimento pela ausência dos pais no período em que estão no trabalho.

Palavras-chave: relações familiares, contemporaneidade, adolescência, função parental.

## ABSTRACT

The present study sought to understand the place that parents take in the process of raising children, as well as their perception about this process. One of the features that are observed contemporarily are the diversity and the complexity of the interpersonal relationships. In this sense, we live in a moment of doubt on what concerns being in the world, where social and family roles are less defined. Thus, it is necessary to understand how the family has adapted itself to these changes and how the conflicts that underlie these relationships have been characterized. As a consequence, it is understood that the relationship between parents and children is to mediate the development of the subjectivity of the individual. This is a qualitative research and makes use of psychoanalysis as a theoretical background necessary for understanding the subjectivity of the subjects studied. Two low middle class families of Goiânia participated in this survey and both had teenage children studying at the same school. The interview was conducted with each member separately, in a total of six subjects. From the core of the meaning of the subjects, we tried to capture the meaning of the word family to each one as well as a sense of being a father and a mother. It was observed that both families made an idealized representation of themselves, showing a contradiction between the ideal and the real family. In addition to these data, other categories that were created from the speech of the participants were: the difficulty of parents to raise their children, to impose limits, the relation of symmetry, and the absence of references in the process of education, among others. In conclusion, it was found that today parents have no clear references when it comes to raise their children, and the data also showed the difficulties of establishing the authority over their children. The children, in turn, exposed their resentment at the absence of their parents when they are at work.

**Keywords:** family relations, contemporary, adolescence, parental function.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO 1- A história da família e suas transformações</b> .....	14
1.1 - Um breve histórico da família .....	14
1.2 - Os novos arranjos familiares .....	18
<b>CAPÍTULO 2 - As relações parentais e suas implicações na organização da subjetividade do homem contemporâneo</b> .....	22
2.1 - A formação dos vínculos .....	22
2.2 - A importância da família na inserção do simbólico .....	25
2.3 - Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos .....	27
<b>CAPÍTULO 3 - Os conflitos da família contemporânea</b> .....	31
3.1 - Variações na função paterna .....	31
3.2 - Os efeitos do declínio da função paterna .....	33
3.3 - Famílias em crise com sua função .....	40
<b>CAPÍTULO 5 - Percurso da Pesquisa</b> .....	55
<b>CAPÍTULO 6 - Resultados e Discussão</b> .....	59
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	69
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	72
<b>ANEXOS</b> .....	77



## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Dados referentes à idade, escolaridade e história familiar .....	56.
<b>Quadro 2</b> – Fases de execução da pesquisa .....	58.

## Introdução

Vivemos em um contexto de pós-modernidade e globalização, no qual o conhecimento e os valores estão em constante transformação. Assim, é importante pensar o modo de lidar com esse contexto mutante em nosso dia-a-dia e na relação com os filhos, com os pais, e com tantos outros momentos de interação que são fundamentais em nossas vidas (Staudt e Wagner, 2008). Esse parece ser um dos desafios primordiais da atualidade. E é através desse panorama que buscaremos refletir sobre a família imersa nessa complexidade.

Tendo em vista que a família constitui a instância primordial no desenvolvimento da subjetividade do indivíduo o presente trabalho buscou compreender o lugar que os pais têm ocupado no processo de criação/educação dos filhos, bem como a percepção dos mesmos sobre esse modelo, levando em conta os conflitos que vem permeando essas relações familiares na atualidade.

Parte-se do pressuposto de que o desenvolvimento humano em todos os seus aspectos depende de um “outro social”. E o primeiro “outro” que se apresenta ao sujeito é a família. É através dela que a criança inicia seu contato com o meio social. É nesse meio que o indivíduo absorve os primeiros ensinamentos e a partir daí constrói seus referenciais para a vida adulta.

A partir dessas primeiras relações a criança vai formando sua base, seu alicerce para o convívio em sociedade. São esses modelos que vão sendo estruturados para ela, e com quem ela aprende seu modo particular de sentir, ver e pensar o mundo a sua volta. A família, portanto se estabelece como um núcleo em que a pessoa passa sua infância, constitui as relações de afeto, amor e ódio, e onde realiza suas primeiras experiências de

satisfação e frustração. Assim sendo a infância se faz um momento fundamental na constituição da subjetividade humana.

É possível verificar que nas últimas décadas a instituição família, tem sofrido inúmeras modificações. A tradicional família patriarcal que era formada por pais, filhos, tios, avós, primos, hoje possui outras composições como: casais separados, casamento em que cada um entra com um filho, mães solteiras, casais homossexuais etc. Existe uma evolução dos próprios membros; a autoridade patriarca passa a ser dividida com a mãe, que hoje, em muitos casos, é a chefe do lar (Roudinesco, 2003).

Observam-se diversas mudanças de valores, de comportamentos e de identidades, com isso, as transformações ocorridas ao longo do tempo possibilitaram o aparecimento, na contemporaneidade, de novos tipos de relacionamentos, mais efêmeros, frágeis e superficiais. Nessa perspectiva a complexidade da dinâmica familiar se manifesta através da maneira com que seus membros interagem. Diante dessas diversidades, o amor, o afeto, enfim, os sentimentos passam a ser também um desafio tendo em vista que aprender a respeitar e a entender as diferenças de cada um, aprender a educar os filhos, dentro de suas limitações e dificuldades é algo que requer um esforço cada vez maior por parte de todos os membros da família contemporânea (Lino, 2009).

Inserida neste contexto, a clínica tem mostrado a dificuldade dos pais no processo de criação e educação dos filhos. Estes se encontram sem referências claras e objetivas da forma como resolver até mesmo questões simples do cotidiano, como por exemplo, o ato de permitir ou proibir. Sentem dificuldade quando se deparam com situações em que precisam impor limites. E com isso tende a se fragilizar buscando externamente a solução para os conflitos, que muitas vezes não conseguem resolver com seus membros. Esses fatos propiciam alguns questionamentos sobre como tem se desenvolvido o processo de criação dos filhos na atualidade, visto que é através dessa relação com seus familiares que

a pessoa realiza suas primeiras e mais importantes experiências, é onde desenvolve, inicialmente, seu modo de internalizar e relacionar com a realidade a sua volta.

Dessa forma o interesse pelo tema surgiu desde a experiência no estágio de formação realizado na área de Psicologia Clínica. Durante a realização do estágio na Clínica Escola Vida, atendi pais que relatavam a dificuldade de criar seus filhos, alegando não saber o que fazer. Da mesma forma, há o relato dos adolescentes que reclamavam da forma como eram criados. Tanto pais quanto os filhos relatavam algum fato relacionado com a infância, especificamente na relação familiar. Pode-se observar então que vários conflitos apresentados eram reflexos dentre outros fatores do processo de criação. Também, a mídia, de um modo geral, aponta para o fato de que um número cada vez maior de pais tem buscando ajuda profissional para tentar resolver questões das relações familiares. Pais que recorrem muitas vezes: à terapia, aos manuais, aos livros e até mesmo à programas de televisão que ensinam como os pais devem lidar com os filhos.

O que se observa é que as transformações que tem ocorrido na atualidade, bem como o processo de construção da família moderna, influenciada pelo rápido avanço tecnológico, científico e pelas transformações histórico-sociais, causaram um impacto nas relações familiares especificamente no modo de criar os filhos.

Com o objetivo de trabalhar as questões aqui mencionadas, fez-se um levantamento bibliográfico tendo como referencial teórico a psicanálise. Para uma melhor compreensão dividiu-se a dissertação em oito partes:

- Capítulo 1 – A História da família e suas transformações
- Capítulo 2 – As Relações parentais e suas implicações na organização da subjetividade do homem contemporâneo
- Capítulo 3 – Os conflitos da família contemporânea.
- Capítulo 4 - O Percurso da Pesquisa

- Capítulo 5 – Resultados e discussão.
- Considerações Finais
- Bibliografia
- Anexos

## CAPÍTULO I

### A HISTÓRIA DA FAMÍLIA E SUAS TRANSFORMAÇÕES

Falar de família não é algo fácil, pois nos remete a uma realidade que nos é muito próxima e que se confunde com nós mesmos, com nossa identidade pessoal (Sarti, 2000). Por isso, antes de estudar as relações parentais e suas implicações na vida do homem contemporâneo, é necessário primeiramente conhecer a dinâmica interna da família. E deste modo retomar a sua história para compreender o caminho percorrido pela família até o momento atual. Dando início a exposição desse estudo, pretende-se apreender o movimento fundamental que acontece no interior da família com o surgimento da Modernidade e suas consequências para o processo de criação dos filhos.

#### 1.1 – Um breve histórico da família

A família sofreu diversas transformações ao longo de sua história, verificando-se uma grande diferença entre as famílias pré e pós-industrial. No livro *História social da criança e da família*, Ariès (1978) elabora um extenso estudo iconográfico sobre a família. Segundo ele a família teve uma significativa transformação no momento em que modificou sua relação com a criança. Na Idade Média, as crianças eram vistas como aprendizes. Elas permaneciam na casa de seus pais até a idade de sete a nove anos, a partir daí eram levadas para ficarem na casa de outras famílias, e fazerem os serviços pesados. Realizavam as tarefas domésticas e tinham como obrigação, servir bem seu mestre. Nessa época os serviços domésticos se confundiam com a aprendizagem, era como uma forma de educação: “Era através dos serviços domésticos que o Mestre transmitia a uma criança, não ao seu filho, mas ao filho de outro homem, a bagagem de conhecimento, a experiência prática e o valor humano que pudesse possuir” (p.156).

O conhecimento era passado de uma geração para outra através da participação familiar das crianças na vida dos adultos. A criança não tinha um convívio com sua família. Não havia possibilidade de alimentar um sentimento entre pais e filhos. A família era uma sociedade moral e social, mais do que sentimental.

A partir do século XV, houve uma modificação no sentimento da família. Esse fato se deu a partir do momento em que a educação passou a ser transmitida pela escola. Deixou de ser restrita apenas aos clérigos e passou a ser um meio de iniciação na vida em sociedade e da passagem da fase infantil para a adulta. Esse acontecimento marcou a aproximação da família e das crianças. Os pais passaram a se concentrar mais em seus filhos, e em vigiá-los de perto, dessa forma as relações entre pais e filhos tornaram-se mais afetuosas. Essas mudanças ocorreram entre os séculos, XVI e XVII momento, em que a criança conquista um lugar junto a seus pais, e passa a ser um elemento indispensável da vida cotidiana. Os pais então passam a se preocupar com a educação, carreira e futuro. Pais e filhos desenvolvem vínculos de profunda afetividade, e cada criança é motivo de atenção e cuidado individualizado, tornam-se tanto emocional quanto fisicamente mais próximos. Mas esse fato não foi suficiente para a transformação na família moderna marcada pela vida interior e pela intimidade (Ariès,1978).

A vida até o século XVII era vivida em público, as pessoas viviam todas juntas: senhores, criados, adultos e crianças sem intimidade. O importante era manter as relações sociais. O êxito na vida não correspondia a obter fortunas, mas em ter uma posição honrosa numa sociedade onde todos se viam, se ouviam e se encontravam quase todos os dias. Fazer sucesso era ser agradável e amável, era valorizar a amizade. A conversação era tida como uma virtude (Ariès,1978).

A partir do século XVIII a família começa a manter a sociedade longe de sua intimidade. Isso aparece na arquitetura das casas, forma-se a casa moderna, onde os

cômodos eram separados e as camas eram reservadas aos quartos de dormir para assegurar a privacidade dos indivíduos. Toda essa mudança corresponde a uma necessidade de isolamento. Ocorre com isso a separação entre o público e o privado. Este fato é apontado como uma das maiores mudanças na vida cotidiana familiar. Passa-se a separar a vida mundana, da vida profissional e da vida privada, cada um com local determinado e apropriado. Desta forma “a reorganização da casa e a reforma de costumes deixaram um espaço maior para a intimidade, que foi preenchida por uma família reduzida aos pais e as crianças da qual se excluía os criados, os clientes e os amigos” (Ariès, p. 186).

“A família deixou de ser apenas uma instituição do direito privado para a transmissão dos bens e do nome, e assumiu uma função moral e espiritual, passando a formar os corpos e as almas.” (Ariès, p. 194).

O casamento há centenas de anos atrás era considerado pela moralidade cristã, como a única forma de impedir que a satisfação sexual fosse pecaminosa. E o que fazia do casamento uma necessidade fundamental era a divisão sexual do trabalho. As mulheres cuidavam dos filhos e os homens da caça e atividades guerreiras. Nesse sentido a divisão do trabalho propiciava um estado recíproco de dependência entre os sexos, pelo fato de que o trabalho que o homem desempenhava não cabia à mulher desenvolver e vice-versa (Lévi-Strauss, 1980).

Outro fator preponderante é a proibição universal do incesto, no qual as pessoas consideradas pais e filhos (as), ou irmão e irmãs, não poderiam ter relações sexuais e nem se casarem um com o outro. Sendo assim, da mesma forma que a divisão sexual do trabalho estabelece uma dependência mútua entre o homem e a mulher, obrigando-os a se vincularem e fundar uma família, a proibição do incesto por sua vez, estabelece uma dependência entre famílias, obrigando-as com a finalidade de se perpetuarem a si mesma a criação de novas famílias.



Por tudo que foi dito é um erro tentar explicar a criação de uma família baseado apenas em motivos naturais de procriação, instinto materno, e sentimentos psicológicos entre homem e mulher, e pais e filhos (as). Tais fatores não seriam satisfatórios para isto, pelo fato de que para a criação de uma família é necessário à existência de duas outras famílias, uma que proporciona o homem e a outra uma mulher, e que com o casamento formaram uma família e assim sucessivamente. Dessa forma, o que diferencia o mundo humano do animal, é que na humanidade uma família não poderia existir sem a sociedade, ou seja, há também outros laços além da consangüinidade (Lévi-Strauss, 1980).

Segundo Roudinesco (2003), não basta definir a família apenas sob um ponto de vista antropológico, é necessário entender sua história e como ocorreram as mudanças que caracterizam os conflitos que aparece na atualidade. Por isso, é percebido que à medida que a sociedade muda, a família também sofre transformações, como no século XVIII em que o Iluminismo questiona as tradições e hierarquias. Segundo Kamers (2006) a mulher que era subordinada ao homem, passou a ser valorizada em função da maternidade. Houve um deslocamento dado à autoridade paterna para o amor materno, sendo este, imprescindível para a sobrevivência e educação das crianças.

O século XX marca o rompimento da dependência econômica da mulher em relação ao homem e a diminuição da taxa de fecundidade. O salário e a pílula possibilitaram o início da abolição da família tradicional. Esse modelo representado pelo pai provedor e a mãe dona-de-casa em tempo integral, sofre rupturas, deixando de ser uma realidade única (Moraes, 2001).

Nos últimos cinquenta anos, diversos fatores relacionados à crescente urbanização do país e as transformações econômicas, alteraram os costumes e valores. Como a formação da família que era composta por numerosos filhos, o casamento que era indissolúvel, a religião Católica que exercia grande influência nas escolas, igrejas e na

dinâmica da família, abominando o sexo que não fosse destinado a fins de reprodução. Essas inúmeras transformações possibilitaram uma nova definição dos papéis familiares, como por exemplo: a grande quantidade de mulheres ingressando no mercado de trabalho. A dinâmica das sociedades industriais permitiu o aparecimento da pílula, a comprovação do DNA, a expansão das cidades, do assalariamento da mulher e do rompimento do elo essencial na reprodução da família conjugal (Moraes, 2001).

De acordo com Roudinesco (2003), a mulher deixou de exercer apenas o papel de esposa e de mãe, mas também o de mulher. Foi se individualizando, à medida que o acesso ao prazer era desvinculado da procriação. A criança por sua vez, foi se diferenciando de seus pais, dessa forma, a dominação paterna só foram possíveis com o consentimento de ambas as partes ligadas pela instituição matrimonial.

## **1.2 – Os novos arranjos familiares**

Nas últimas décadas, tem se percebido diversas transformações na política, na economia e na sociedade. Tais mudanças coincidem com as variações ocorridas no contexto familiar. A família dita “contemporânea” caracteriza-se por uma grande variedade de formas. Tendo como destaque o enfraquecimento do modelo de família baseado na autoridade do homem sobre a mulher e os filhos. Dessa forma, a família patriarcal entra em crise com o surgimento de novos modelos.

Segundo Ceccarelli (2007), no modelo de família considerado tradicional, homens e mulheres ocupavam lugares e tinham funções bem definidas. O pai trabalhava fora, era o provedor que tinha um poder inquestionável. A mãe por sua vez cuidava da casa, da comida, da faxina, enfim, o necessário para que o bem-estar de todos fosse garantido.

O pai e a mãe eram responsáveis pela transmissão das regras e valores passados aos filhos. Hoje, esta função vem sendo exercida por outras pessoas, como: tias, avós, babás e escolas. A responsabilidade pela tranquilidade do lar e os cuidados com os filhos, que eram consideradas tarefas das mulheres, estão sendo compartilhados por ambos os cônjuges. É notável o aumento no número de pais que cuidam dos filhos enquanto as mães trabalham fora (Ceccarelli, 2007).

Esta família ocidental, que foi durante séculos baseada na soberania divina do pai, no século XVIII é desafiada pela conquista da mulher. Passou-se a conceder um lugar central a maternidade. Essa emancipação fez com que as mulheres afirmassem sua diferença, permitiu as crianças serem vistas como sujeitos e aos ditos “invertidos” se normalizarem (Roudinesco, 2003).

Segundo a autora (2003), a família perdeu o caráter de sagrado, a mulher atualmente, tem o controle da procriação. São elas que determinam o destino demográfico de uma nação, visto que há uma separação entre o desejo de feminilidade e o desejo de maternidade, entre o desejo de prazer e o dever de procriar. Há mulheres hoje que buscam seu próprio caminho, não desejam mais se dedicar exclusivamente à família. O pai por sua vez, não perdeu totalmente sua autoridade, ele perdeu apenas aqueles poderes excessivos, ou seja, o direito de vida e morte sobre a mulher e os filhos, tudo aquilo que não condizia com os direitos e liberdades assegurados pela democracia. A autoridade paternal agora é compartilhada.

Com isso, os princípios da família moderna sofreram mudanças intensas. Hoje a necessidade têm levado a mulher a se colocar no mercado de trabalho, desempenhando papel importante no orçamento familiar, e há casos em que é a única provedora. Esse fato vem colaborando para o afastamento precoce dos filhos do convívio familiar, e assim a socialização da criança está cada vez mais terceirizada (creches, escolas, natação, inglês,

informática, etc.). Com isso, há também a necessidade de limitar o número de filhos, através dos métodos contraceptivos, provocando uma desvinculação entre sexualidade e procriação (Roudinesco, 2003).

*Nesse sentido, deparamos-nos com novos arranjos familiares* em que o exercício da parentalidade se difere dos padrões tradicionais. Temos famílias monoparentais, homoparentais, adotivas, recompostas, concubinato, temporárias e produções independentes. São mudanças que afetam diretamente as condições de procriação como: barriga de aluguel, embriões congelados, procriação artificial com doador de esperma anônimo, etc. Os avanços tecnológicos também influenciam de forma significativa a família, como o controle da natalidade e a inseminação artificial (Ceccarelli, 2007).

Convivemos nos dias atuais com uma pluralidade de formas conjugais e familiares. Segundo Lacan (1985), a família é uma instituição social de estrutura complexa, que não pode ser reduzida nem a um fato biológico e nem a um elemento teórico da sociedade, mas uma instituição social privilegiada na transmissão da cultura.

De acordo com Sarti (2000), no mundo contemporâneo, capitalista, a família deixou de ser unidade de produção para assumir o papel de unidade de consumo perdendo dessa forma o sentido da tradição. O casamento, a família, a sexualidade e o trabalho que antes existiam através de papéis pré-estabelecidos passam a ser idealizados de forma que o que prevalece é a individualidade. Embora a vida familiar continue tendo o mesmo valor social que sempre teve, a forma como relações familiares estão hoje tem haver com a lógica de sua própria construção.

Nesse sentido, Freud (1917/1996) diz que qualquer mudança requer um trabalho de luto em que antigas posições libidinais são abandonadas em prol de novos investimentos. E nunca abandonamos de bom grado um modo de satisfação pulsional, ainda que outro já se nos acene. Por isso é percebido que essas novas configurações familiares por trazerem o

diferente causam estranhamento. Para alguns, aceitar essa nova leitura de mundo pode ser insuportável, pois os obriga a repensar, e até mesmo abandonar, tudo aquilo que até então era dito como "natural" e "imutável" e que servia como referência. Devido a estas diversas organizações familiares, não podemos mais falar de família como um padrão único a ser seguido, mas sim de famílias, compreendendo que cada uma tem sua estrutura e seu modo de funcionamento.

E sob outro aspecto a família não é apenas uma instituição de origem biológica com a função de transformar um organismo biológico em ser humano. Mas é também uma construção social, um espaço imprescindível para a garantia da sobrevivência, do desenvolvimento e de proteção incondicional aos filhos e de seus demais elementos independentes da disposição familiar ou da forma como se estruturam (Lino, 2009).

Segundo Roudinesco (2003), as transformações da família não são novas e não impedem que a família seja atualmente reivindicada como “o único valor seguro ao qual ninguém quer renunciar. Ela é amada, sonhada e desejada por homens, mulheres, e crianças de todas as idades, de todas as orientações sexuais e de todas as condições” (p.198). Mesmo o princípio da autoridade estando em crise na sociedade ocidental, a família ainda é capaz de propiciar o surgimento de uma nova ordem simbólica e deve ser mais uma vez reinventada. Para a autora, o importante é manter o equilíbrio entre o um e o múltiplo de que todo sujeito precisa para construir sua identidade.

Apesar dessas diversas mudanças que a instituição família sofreu, ela ainda continua sendo importante e necessária para construção da subjetividade do indivíduo. Deste modo, o capítulo seguinte pretende abranger, como as relações parentais influenciam na organização da subjetividade do indivíduo contemporâneo.

## **CAPÍTULO II**

### **AS RELAÇÕES PARENTAIS E SUAS IMPLICAÇÕES NA ORGANIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO HOMEM CONTEMPORÂNEO**

Os pais enquanto formadores do núcleo familiar desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da criança e do adolescente. É nesse ambiente familiar que a criança encontra desde seu nascimento condições imprescindíveis para a sua sobrevivência. Dessa forma, as relações familiares constituem o primeiro ambiente responsável pelo desenvolvimento da subjetividade do sujeito moderno, apresenta uma função essencial de inscrição da criança no universo simbólico através das funções parentais. Portanto o presente capítulo expõe a influência das relações parentais nessa construção da subjetividade do indivíduo, abordando os seguintes temas: a formação dos vínculos, a importância da família na inserção do simbólico e as práticas educativas parentais na criação dos filhos e seus efeitos.

#### **2.1 – A formação dos vínculos**

Como apontado anteriormente por Ariès (1978), “a reorganização da casa e a reforma dos costumes deixaram um espaço maior para a intimidade, que foi preenchida por uma família reduzida aos pais e às crianças” (p. 267). Segundo o mesmo autor, essa nova organização da família conferiu maior proximidade e intensidade emocional na relação entre pais e filhos. Foi entre o fim da Idade Média e o século XVII, que a criança conquistou um lugar junto de seus pais. Os laços afetivos entre pais e filhos se estreitaram à medida que a família tornou-se a única responsável pela educação dos seus filhos. Dessa forma, surge um novo padrão de amor e autoridade, ao mesmo tempo em que os pais

declaram intenso amor pelos filhos, são também severos com a higiene e guardiões de um rigor moral.

Dessa forma, a criança passou a ter uma maior importância, atenção e carinho ao mesmo tempo em que foi tributado deveres, exigências de conduta, marcado tanto pela autoridade paternal quanto pela dependência afetiva. Essa relação pais-filhos tornou-se mais afetiva, porém, tornou-se também mais exigente e isso causou uma tensão no interior dessa nova família. Pois coube aos pais tanto atender às necessidades afetivas e materiais dos filhos quanto apresentar a estes todas as condições necessárias para o seu ingresso no meio social. Satisfação e frustração é exclusivamente responsabilidade dos pais que passam a serem fontes de prazer e de desprazer e, portanto, objetos de amor e de ódio. Nessa dinâmica familiar, a criança se vê logo dividida entre sua satisfação pessoal e o amor das mesmas pessoas que lhe dispensam cuidados materiais e afetivos.

Segundo Freud (1940/1996), “O primeiro objeto erótico de uma criança é o seio da mãe que a alimenta; a origem do amor está ligada à necessidade satisfeita de nutrição” (p. 202). Portanto, para a criança o seio da mãe é o primeiro objeto de amor. “Para a criança, a amamentação no seio materno torna-se modelar para todos os relacionamentos amorosos. Encontrar um objeto é, na verdade um reencontro” (p.210). Freud afirma que tal objeto será o modelo para as futuras relações objetais (Freud, 1905/1996).

O que ocorre nesse processo é que a criança, primeiro experimenta o prazer através do alimento, logo em seguida faz a distinção entre esse prazer e a condição que o acompanha, é nesse processo que sugar o seio torna-se o ponto de partida de toda vida sexual. A partir dessa experiência, a criança desenvolve uma ligação afetiva com as pessoas que dela cuidam, no caso das famílias em questão essas pessoas provedoras amadas e odiadas são os pais ou seus substitutos. Essas necessidades logo dão lugar,

através do vínculo residual, a pulsões sexuais e a satisfação que a criança busca nos pais passa a ser a satisfação de tais pulsões.

Dessa forma, a mãe ou seu substituto ocupa desde o início um lugar essencial na constituição da subjetividade da criança. É através da nutrição e dos cuidados com o corpo da criança que a mãe torna seu primeiro objeto de amor e é a partir da relação com esse objeto primitivo que a criança realiza suas primeiras e mais significativas experiências de prazer e desprazer, sente-se amada e desamparada. Dessa intensidade erótica, ainda nos primeiros anos da infância, se estabelece a relação que Freud denominou de complexo de Édipo: “os meninos concentram seus desejos sexuais na mãe e desenvolvem impulsos hostis contra o pai, como sendo rival, enquanto as meninas adotam atitude análoga” (Freud, 1925/1996, p. 49-50).

Na teoria psicanalítica, o complexo de Édipo é assumido como o fenômeno central na sexualidade da primeira infância. Ainda nos primeiros anos, as pulsões sexuais incestuosas, por exemplo, do menino em direção à mãe sofrem poderosa interdição por parte do pai e essa interdição paterna, através do recalque, coloca para o menino um duplo movimento: a exigência de desistir do amor incestuoso pela mãe e a identificação com o pai que é, segundo Freud, “[...] a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (Freud 1921/1996, p.133).

No final desse processo o menino, via identificação, quer ser como o pai. Assim, a partir dessa identificação ocorre a internalização do pai enquanto figura de autoridade. A proibição que os pais impõem ao filho edipiano de realizar seu desejo incestuoso torna-se, dentro do eu, um conjunto de exigências morais e de proibições que, dali por diante, o sujeito imporá a si mesmo.

É essa autoridade parental internalizada durante o Édipo, e diferenciada no seio do eu com uma de suas partes, que a psicanálise chama de superego. Após esse período da



dissolução do complexo de Édipo e da formação do superego sucede outro período no qual as pulsões sexuais inibidas em sua finalidade original são destinadas a objetos socialmente aceitos. É dessa maneira que a relação entre pais e filhos configura um quadro dinâmico, ambivalente, tenso, cheio de conflitos e bastante complexo.

## **2.2 - A importância da família na inserção do simbólico**

De acordo com Pôster (1979) “a família é o segredo do indivíduo” (p. 22). É a partir dessa complexa relação emocional que cada indivíduo aprende seu modo particular de sentir, ver e pensar o mundo a sua volta. Dessa forma, as relações familiares constituem a primeira instância responsável pelo desenvolvimento dos modos de subjetivação do sujeito. É nesse núcleo familiar que o indivíduo estabelece suas relações de afeto, amor e ódio. Suas primeiras experiências de satisfação e frustração são realizadas perante as mesmas pessoas que lhe consentirão ou proibirão manifestar suas reações diante do amor, do ódio, da satisfação e da frustração. É na família que o indivíduo realiza, durante a infância, seus primeiros contatos com a figura de autoridade e é nesse ambiente que ele se sente, ou não, amado e protegido.

Por esses motivos, é importante enfatizar que o fato de colocar uma criança no mundo não faz dos genitores pais. O nascimento que é um fator biológico deve ser transformado em filiação que é um fato social político, para que a partir de uma organização simbólica a criança possa constituir-se como sujeito (Ceccarelli, 2007).

Dessa forma, ser pai é diferente de ser genitor, pois a esse se presume o acesso à dimensão simbólica, à linguagem. Para que o termo pai adquira o sentido que lhe é dado, é necessária a experiência da linguagem (Lebrun, 2004).

Embora, os sistemas simbólicos mudem de uma cultura para outra de tal forma que não é a proximidade genealógica, ou a consanguinidade, que determina a filiação, o fator

determinante em todos os arranjos familiares, inclusive os novos arranjos, é o lugar que o bebê ocupa no imaginário, e no desejo, de quem o acolhe no mundo (Ceccarelli, 2007).

Para a psicanálise, apenas o nascimento de uma criança não lhe garante um ingresso no simbólico. É preciso, antes que haja o desejo daqueles que esperam por seu nascimento. Contudo, para que se torne um ser desejante, a criança deve estar referida a um nome na qual a transmissão caberá ao pai enquanto Outro simbólico, representante da função paterna. Apenas a partir de tal transmissão é possível supor uma fixação social e psíquica (Ceccarelli, 2007).

Este Outro, que Freud chama de pai, e Lacan de função paterna, é o agente causador de alteridade. Seu papel é promover o movimento psíquico, que insere a criança na ordem simbólica e que vai socializá-la. Nos textos freudianos, esta função é atribuída ao pai, todavia, as diversas mudanças socioeconômicas fizeram com que esta função venha sendo desempenhada por outras pessoas, ou outras instâncias sociais. A partir desse ponto de vista é possível perceber que o que está em declínio é o sistema patriarcal: uma forma de organização social onde o agente promotor de alteridade, o agente castrador, é encarnado pelo pai (Ceccarelli, 2007).

Portanto, é na família que a criança se depara com os primeiros outros e com eles aprende o modo humano de existir. Seu mundo passa a ter um significado e ela passa a constituir-se como sujeito. Isto acontece pela troca intersubjetiva, construída por meio do afeto, e compõe o principal referencial para a constituição de sua identidade (Szymanski, 2004).

Nessa mesma linha Ceccarelli (2007), enfatiza que o modelo de família tradicional nunca foi sinônimo de normalidade. O argumento de que seria imprescindível à presença de um homem e de uma mulher na produção de subjetividades sadias não tem relevância. A prática clínica, especialmente a infantil, demonstra inúmeros exemplos onde o problema

exibido pela criança é na verdade um sintoma dos pais. E em situações onde se esperaria um final preocupante, como no caso de famílias onde um dos pais, ou os dois não participam de forma expressiva do universo psíquico da criança, esta não apresenta nenhum problema significativo. De tal modo que não há uma forma de organização familiar ideal, e que esta nem sempre é garantia de um desenrolar mais sadio, ou mais patogênico, para a constituição do sujeito: “do ponto de vista psíquico, as famílias são sempre construídas e os filhos sempre adotivos, pois são os laços afetivos que, como todo investimento vai organizar o significante, família” (p. 96).

### **2.3 - Práticas educativas parentais na criação dos filhos e seus efeitos**

Conforme apontado por Wagner (2003) há um questionamento entre os pais, educadores e técnicos de saúde, sobre como, para que e para quem educar os filhos. A família vive um momento de mudanças e de falta de referenciais. Os modelos recebidos das gerações anteriores são considerados atrasados, por outro lado precisam de novas estratégias e padrões educativos que sejam eficazes. Muitos pais não querem repetir os padrões pelos quais foram educados, com o intuito de não cometerem os mesmos erros, com isso criam formas idealizadas de como educar, o que nem sempre tem um resultado positivo.

Mas essa transmissão dos valores e crenças, não é algo simples, pelo fato de que exige uma nova preparação e escolhas, levando em conta as novas demandas sociais. Hoje os pais buscam suprir as necessidades dos filhos se dedicando mais aos seus trabalhos e com isso passando a ter menor contato com eles. Dessa forma o tempo para desempenhar sua tarefa educativa fica reduzido e então passa a terceirizar esta função transmitindo a sua responsabilidade para outras instituições, tal como a escola. Esta por sua vez, se

sobrecarrega tentando desempenhar a ação socializadora que originalmente cabe à família (Wagner, 2003).

Diante dessa situação, a família se apresenta frágil e acaba buscando externamente a solução para os conflitos, que muitas vezes não consegue resolver com seus membros. Isso faz com que os pais fiquem mais vulneráveis às ideias apresentadas sobre novas teorias e alternativas de educação. E a busca por essas novas alternativas pode repercutir de forma contrária no contexto familiar. Diante de tais fatos é possível observar que os pais se encontram sem referências claras e objetivas da forma como resolver questões simples do cotidiano, como por exemplo, o ato de permitir ou proibir.

Com relação a essa forma de educar, Wagner (2003) apresenta um dos típicos dilemas de nossos tempos, que é o fato dos pais quererem educar de uma forma moderna, rejeitando o modelo antigo, considerado tradicional e hierárquico. Com isso deixam de transmitir as gerações atuais, as referências educativas vivenciadas pelas famílias de origem.

Para este autor (2003) a educação tida como responsabilidade fundamental do núcleo familiar, passou a ser uma das tarefas mais difíceis de ser realizada com êxito. E os pais na tentativa de acertarem, de se adequar ao que deve ser acabam perdendo a autenticidade junto a seus filhos. Buscam ser modernos ao mesmo tempo em que receiam cometer os mesmos erros recebidos de sua própria educação. Com isso se fragilizam frente a seus filhos, pela perda de referências, como suas experiências pessoais enquanto filhos.

Diante dessa responsabilidade por todo processo educativo dos filhos, os pais adquirem um sentimento de culpa, que os paralisa quando se deparam com situações em que precisam impor limites. E muitas vezes confundem afetividade com aprovação incondicional. Ser firme em sua atitude educativa não quer dizer que não possa também ser afetivo e amoroso (Wagner, 2003).

Uma das fases em que os pais ficam sem saber como agir diante dos filhos, é a adolescência. De acordo com Freud (1905), as características do período denominado puberdade são marcadas pelas mudanças repentinas e drásticas com relação ao corpo e ao subjetivo. O sujeito se vê envolvido numa carga de tensão, onde as pulsões auto eróticas da vida infantil passam a investir em outros objetos, ou seja, passa a ser altruísta.

Wagner, Falcke, Mosmann e Silveira (2002) enfatizam que a adolescência é uma fase marcada por emoções intensas, na qual o sujeito busca a consolidação da sua própria identidade. Um dos primeiros acontecimentos dessa fase são afastamento da família de origem e um maior envolvimento com o grupo de iguais. A família já não é mais o centro de suas atenções. Esse afastamento das figuras parentais, pode em muitos momentos ser visto como rebeldia, mesmo quando não existem motivos manifestos para isso.

Frequentemente, os pais são surpreendidos com as atitudes dos filhos, que se tornam mais instáveis, irritados e questionadores. Tais atitudes representam para os adolescentes uma forma de diferenciação das figuras parentais e busca de sua própria identidade. Nesse contexto, é comum os jovens demonstrarem ataques de raiva, isolar-se em quartos fechados, buscarem apoio de avós ou apresentarem comportamentos sexuais desafiadores ou de risco (Wagner et al, 2002).

Com isso, a relação que os pais estabelecem com seus filhos, desde os primeiros anos de vida, tem sido apontada como um dos principais responsáveis pelo processo do desenvolvimento infantil. Dessa forma o que se percebe é que as práticas educativas utilizadas pelos pais podem influenciar de forma positiva ou negativa no seu desenvolvimento (Carvalho & Gomide, 2005).

Diversas pesquisas têm apontado a grande importância dessa relação pai-filho, principalmente com relação às práticas utilizadas por esses pais na educação de seus filhos. Segundo Gomide (2003), as práticas parentais podem desenvolver tanto comportamentos

pró-sociais quanto anti-sociais, dependendo da frequência e intensidade com que o casal parental as utiliza. Desse modo o capítulo seguinte apresenta os conflitos da família contemporânea, enfatizando a importância da função paterna na vida do indivíduo, e as dificuldades que os pais encontram nesse processo de criação dos filhos.

## **CAPÍTULO III**

### **OS CONFLITOS DA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA**

A família na atualidade permanece com a função de cuidar de sua prole e educá-la, entretanto tem se revelado sem referenciais para conseguir desenvolver essa tarefa em virtude de fatores como: a complexidade da vida moderna, as intervenções do dito saber científico sobre educação de crianças, o esvaziamento e a superficialidade das relações e vínculos, inclusive os parentais. Dessa forma o presente capítulo traz as variações na função paterna, os efeitos do declínio dessa função paterna, família em crise com sua função e a descrição de três pesquisas sobre as complexas estruturas familiares presentes em Goiânia.

#### **3.1 – Variações na função paterna**

Freud define a função paterna como sendo promotora das operações do Complexo de Édipo, atuando tanto na entrada quanto na saída deste processo. Seja como interditor do desejo pela mãe, introduzindo uma lei que propicia a sustentação de um desejo próprio do sujeito, seja como suporte das identificações resultantes das transformações dos investimentos amorosos, ou mesmo como garantia de nomeação e referência de uma orientação sexual, o pai tem um papel de agente central nestas formações.

Quando se fala em Função paterna, esta diz respeito algumas tarefas básicas como ser o suporte emocional da mãe, proporcionando um ambiente tranquilizador para que ela possa realizar seu papel. É ser aquele que proíbe o incesto. E também ser aquele que se coloca na relação mãe-filho, com a finalidade de impedir que a relação fusional que os mantém unidos desde o nascimento se delongue por muito tempo, impedindo o desenvolvimento da individualidade da criança (Araújo, 2005).

O pai tem como função ser o facilitador de separações, estimulando o filho a seguir adiante. E a partir de então se oferece como um elemento importante e fundamental para a identificação, que antes era um papel restrito à mãe. Ele tem como papel fazer o limite entre o mundo interno e externo, protegendo a família e proporcionando condições para sobrevivência (Araújo, 2005).

Segundo Freitas (1994), esta função de castração não necessita da pessoa do pai para exercê-la, visto que além de ser simbólica, constitui na verdade um lugar prefigurado no desejo materno e dessa forma pode ser exercido pelo pai ou aquele que possa representá-lo enquanto um modelo de identificação para o sujeito.

É importante também que o pai esteja disposto a participar desta relação. Pois Se a lei dele é aceita e internalizada pela criança, esta passa a se ver em um mundo com as outras pessoas, não só no mundo todo dela ou só para ela. Essa entrada no ambiente humano sinaliza a despedida da onipotência infantil, além de destacar para a criança o contato com os próprios limites, com a alteridade e com a morte (Araújo, 2005).

Segundo o mesmo autor (2005) a Função Paterna contribui para a formação do Superego, no momento em que propicia para a criança e para o adolescente a possibilidade da interiorização de diversas regras morais que são essenciais para o convívio social. O pai é o sustentador da lei, ele está na posição de representá-la para o sujeito.

De acordo com Araújo (2005), as mudanças sociais e culturais ocorridas na atualidade, apontam um novo estilo da mulher com relação ao casamento, à maternidade e ao homem, gerando uma nova perspectiva no exercício das funções materna e paterna. Nesse sentido, é possível observar atualmente uma desvalorização da Função Paterna. É notório ver uma dificuldade dos pais em assumir o lugar da lei, de se colocar no lugar de quem frustra.



Outro fator de destaque é a perda do limite que pode ser considerada como uma das mais graves perdas que o adolescente vem sofrendo. A criatividade na adolescência está fortemente relacionada com a noção de limite. A falta deste impossibilita o adolescente de exercitar sua capacidade de pensar, de ser criativo e espontâneo e impede que o adolescente organize sua mente, pois o limite auxilia nesta organização (Araújo, 2005).

### **3.2 - Os efeitos do declínio da função paterna**

De acordo com Santos e Pratta (2007) nos últimos vinte anos a sociedade em geral, bem como a instituição família, tem presenciado diversas transformações, responsáveis pelas modificações com relação às vivências, à percepção e à construção que os adolescentes produzem de seus aspectos sócio afetivos, bem como de seus projetos de vida.

Dessa forma, atualmente, além dos pais se preocuparem com a questão de como lidar com a adolescência dos filhos, existem outros problemas que vêm afligindo os adultos que possuem filhos adolescentes. Como por exemplo, a iniciação sexual precoce e a ameaça da drogadição, os quais ocasionam também a preocupação crescente com a iminência de contaminação pelo vírus HIV, visto como tem crescido assustadoramente o número de adolescentes infectados por este agente infeccioso (Santos & Pratta, 2007).

Segundo os autores (2007), há uma grande probabilidade de uma criança que cresce em um ambiente familiar sem amor, sem limites, sem atenção, tornar-se um indivíduo com uma estrutura emocional fragilizada, que o impede de enfrentar os mais diversos problemas de sua vida. Quando se torna um adolescente, essa mesma estrutura frágil aliada às mudanças da adolescência são fatores de risco para que ele vá, em busca de um escape.

Um dos escapes utilizados frequentemente pelos adolescentes é o uso de drogas, que traz sérios problemas nos diversos níveis de seu desenvolvimento e na sua família.

Esse uso abusivo de drogas na atualidade corresponde a um problema relevante e abrangente, a nível mundial, envolvendo diversas instâncias, uma vez que este não diz respeito apenas ao usuário de substâncias psicoativas, caracterizando-se, portanto, como um grave problema social e de saúde pública (Santos & Pratta, 2007).

Segundo Freud (1930), o uso de drogas é uma das soluções mais rápidas, ainda que mais grosseiras, para evitar o sofrimento diante do mal-estar da cultura.

O acúmulo de frustrações, que atormentam uma pessoa desde a infância, leva-a ter uma falta de tolerância com sua vida, com seu dia-a-dia. Essa vida difícil de ser suportada é abrandada através da utilização de uma droga. Muitas vezes esses adolescentes seguem o modelo dos pais, através de uma forma socialmente bem aceita camuflam um problema através de um Lexotan, um Rohipnol, um whisky pra relaxar, etc. O efeito esperado é sempre o de um anestésico para angustia, independente do efeito físico-químico que possa produzir (Freitas, 1994).

O jovem de hoje não recorre apenas às drogas ideológicas, mas a drogas pesadas que causam além do prazer a possibilidade de esquecimento da solidão, do vazio cultural, além da libertação da angustia, do sofrimento e da depressão, assim como seus pais recorram, talvez, ao álcool ou ao Prozac (Vilhena, 1998).

Freud (1930/1996) enfatiza que as substâncias tóxicas são como um dos destinos que os sujeitos buscam com a intenção de diminuir o sofrimento, que advém do corpo, do mundo externo e dos relacionamentos, ocasionado também pelas normas civilizatórias que faz limite ao princípio do prazer, onde a droga funciona como uma espécie de amortecedor de preocupações.

De acordo com Freitas (1994), há pais que ignoram ou negam qualquer participação filho nesse problema com as drogas. É muito difícil para um pai ou uma mãe aceitar a sua culpa nesse processo, uma vez que, traz a tona uma análise do seu próprio

mundo interno. É importante salientar que a drogadição é um problema psicossocial, já que não envolve somente a família, mas também outros grupos.

Geralmente as famílias que possuem filhos usuários de drogas são famílias em que a estrutura é frágil, tanto o pai quanto a mãe não conseguem desempenhar sua função de forma apropriada, na maioria das vezes são pessoas com dificuldades que as impedem de educar sem que surjam conflitos entre pais e filhos. Muitas vezes são pais que não querem se aborrecer no momento, em contrapartida se aborrece muito mais futuramente. É possível perceber nessas famílias uma dificuldade em lidar com limites, com o dizer não. Sentem-se impossibilitados de pôr limites e sem limites a perversão é incentivada (Freitas, 1994).

Diante de tais fatos, a tarefa de educar se torna uma prática difícil, porém não se pode esquivar dela. Essa dificuldade se justifica, pois, implica um equilíbrio entre o que se deve permitir como um incentivo à liberdade e o que se deve reprimir para facilitar a inclusão na vida em sociedade.

Uma questão central nesse aspecto é a falta de limites que tem uma correlação direta com o lidar com a frustração. É o equilíbrio entre o que se pode e o que não se pode fazer. É esta instância reguladora da lei que falta nessas famílias, é a dificuldade do exercício de dizer não, dos limites reguladores da inserção na cultura. O eu inteiramente narcísico não pode sobreviver frente ao outro, já que a negação do outro será a própria negação deste eu. O filho usuário de droga se torna o eleito, ou seja, aquele que melhor representa a crise da função parental (Freitas, 1994).

Freitas (1994) enfatiza que a relação com a figura paterna é relevante para que ocorra ou não o surgimento de uma drogadição. Ao estabelecer o corte no vínculo mãe/filho, o pai proporciona condições mais adequadas, para que este se organize como sujeito desejante. É exatamente este corte que no caso dos dependentes de drogas está

comprometido. O pai, nestes casos, tem dificuldade em se estabelecer como agente da castração, se esquivando da relação simbiótica mãe/filho, estabelecendo um pacto perverso, onde não se envolve, para não ser importunado. Deixando para a mãe esta tarefa, para que não lhe ofereça questões às quais não quer nem pode resolver. Esta desistência do pai acontece com muita frequência. Este fato terá como consequência uma eterna repetição deste esquema por parte do filho.

A adolescente precisa muito, da figura do pai ao lado, para que possa se posicionar frente ao mundo e perante o outro sexo. Pode-se dizer que a toxicomania é um sintoma dirigido ao pai. A falta do significante paterno fica revestida por um significante encarnado: a droga. Esta aparece como algo que preenche uma falta. Sob outro aspecto, o toxicômano, está fora da lei, busca alguma autoridade que possa efetuar o corte exato, sem falhas. Por isso se justifica seus constantes envolvimento com as instâncias repressivas e jurídicas que na verdade é a busca da função paterna, mesmo que no imaginário (Freitas, 1994).

Outro fator preponderante é a delinquência juvenil que no Brasil tem aumentado em dimensões assustadoras. O patrimônio público e o patrimônio pessoal vêm sendo ameaçados por uma quantidade cada vez maior de assaltantes e homicidas, entre os quais se encontram alguns menores. Convém ressaltar que adolescentes considerados infratores são aqueles que se envolvem com furtos, roubos, tóxicos, homicídios e latrocínios (Coelho et al. 2006).

O termo delinquência juvenil é internacionalmente empregado para se mencionar os delitos cometidos por adolescentes. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), usa o termo infração.

Ao explicar a origem da delinquência os autores utilizam três níveis de conceitualização. O nível estrutural, que atribui a origem da delinquência a fatores sociais,

situacionais e pessoais. São explicações que enfatizam os aspectos econômicos, como a necessidade de sobrevivência. O jovem seja por abandono ou por pobreza extrema, ingressaria pelo caminho da infração como maneira de sobreviver e aumentar a renda familiar. Outro fator é a desigualdade econômica, os países com altos índices de desigualdades são também os que têm maiores índices de violência.

O nível individual considera os mecanismos internos do indivíduo como sendo causador do comportamento infrator, tanto no aspecto biológico quanto psicológico. Alguns traços comuns ao infrator são a impulsividade, a inabilidade nas inter-relações, a ausência de culpa e a insensibilidade à dor alheia e às transgressões.

O nível sócio psicológico refere-se à quebra de vínculos sociais do jovem com a família, a escola, a igreja e demais instituições responsáveis pelo controle social do adolescente, à autoestima e à influência de grupos de jovens sobre o comportamento do infrator. Nesse nível se destaca a família, que tem um papel de extrema importância, pois é ela que é capaz de exercer maior controle (estabelecer regras, horários, punições e recompensas) sobre o jovem (Feijó & Assis, 2004).

Diante desses fatos, se faz necessário refletir se estamos diante de menores que desconhecem a lei ou que enfrentam o dilema de pertencerem a famílias onde a função paterna fracassou.

Nesse contexto, a qualidade do relacionamento familiar é um fator relevante no encaminhamento do jovem para a delinquência. Mesmo se o pai está presente, mas no interior da família ocorrem muitas brigas, gerando desarmonias, rejeição, desamparo e outras formas de maus-tratos e problemas psicológicos, há maior possibilidade de algum dos filhos seguir o caminho da infração do que quando o pai não está presente (Feijó & Assis, 2004).

De acordo com Barros (2000) estamos diante de uma ruptura no tecido social e de um abrandamento dos limites de coerção. Isto gera alguns questionamentos sobre o tipo de sociedade, as formas de sociabilidade e os padrões de dignidade humana que estão sendo construindo na coletividade. Com isso se torna difícil garantir direitos em uma sociedade marcada pela desigualdade extrema e a pobreza.

É fato que alguns desses jovens infratores foram criados à margem do sistema. Eles aprenderam, desde novos, a linguagem da violência, na luta pela sobrevivência. São sujeitos que tentaram fazer parte da rede de assistência do Estado das mais diversas formas, mas por inúmeras vezes se depararam com as portas fechadas. Por conseguinte reagem e se impõem através da revolta, fazendo tornar à sociedade a violência com que foram acometidos, e ainda exigindo um lugar nela. O ato infracional, torna-se uma resposta do indivíduo, uma forma dele se apresentar (Coelho et al. 2006).

Determinados estudos indicam a delinquência como estando relacionada com uma supervisão imprópria feita pela mãe, devido a seu trabalho externo (Leal, 1983). Outros apontam para a falta de condições de saúde física e psíquica dos pais, desagregação familiar, falta de entrada da lei paterna no lar, fragilidade da figura de autoridade ou substituta e exclusão social (Feijó & Assis, 2004).

A questão fundamental é que estamos diante de uma nova juventude, que aparece no contexto da sociedade moderna, tecnocrática e consumista. Para se afirmar, o jovem busca desafios e experiências imediatas, perante a falta de um projeto de vida, sente um esvaziamento do sentido da vida, o que gera o medo, a solidão, o tédio, a frustração, a agressividade e o conflito.

Como apontado por Coelho et al. (2006), para que haja uma tendência anti-social, é preciso ter ocorrido um verdadeiro desapontamento, e não apenas uma carência de ordem socioeconômica, embora esta seja muito relevante. Esse desapontamento envolve a perda

de algo que foi positivo na experiência da criança, nos primeiros estágios de seu desenvolvimento.

Winnicott (1999) vem confirmar este fato explicando que a criança anti-social simplesmente olha um pouco mais longe e acaba recorrendo à sociedade, em vez de recorrer à família ou à escola, para que esta lhe forneça a estabilidade de que necessita, a fim de transpor os primeiros e essenciais estágios de seu crescimento emocional.

Sobre outro aspecto há o questionamento sobre a função paterna, na qual também tem um importante papel durante o primeiro ano de vida da criança, não apenas como meio que estabelece o corte da relação mãe-filho e impõe a lei, mas também como modelo de identificação e objeto de amor (Coelho et. al. 2006).

Costa (2004) contribui para a discussão expondo que, na atualidade, passou-se a considerar banal o fato de que a família vai mal. As explicações que apoiam essa ideia dizem respeito à desestruturação da família, apontadas pelo enfraquecimento da autoridade do pai; emancipação da mulher, conservadorismo do homem, rebeldia da adolescência, repressão da infância, excesso de proteção aos filhos e ausência de amor para com eles. Dessa forma, pode-se indagar se os indivíduos estariam desaprendendo as regras de convivência que manteriam a família coesa. Portanto, os atos delinquentes, praticados pelos adolescentes, podem ser considerados como tentativas de inscrição na ordem simbólica e de participação na ordem social. Falta para esses jovens em conflito com a lei, uma significação fálica, determinada pela função paterna. Se isso não ocorre, falha o laço social e eles esperam que a sociedade lhes proporcione uma marca simbólica.

Segundo Meira (2003), é comum os pais assistirem como espectadores as atitudes que as crianças revelam em sua infância. Não interferem, não julgam, não proibem apenas oferecem às crianças os objetos que lhes são mostrados virtualmente, de forma excessiva. Questionar esta atitude é visto como algo retrógrado e ultrapassado.

### **3.3 - Família em crise com sua função**

Para que ocorra a criação dos laços afetivos no interior da família é necessário um processo psíquico em que o elemento central é uma economia de investimentos libidinais, pelos quais derivam os lugares e as funções de cada membro, imprescindíveis ao processo de subjetivação. Hoje, verifica-se uma espécie de disseminação nas relações humanas, que tem provocado grandes repercussões no contexto intersubjetivo do grupo familiar. As relações entre os indivíduos têm tornado inconsistentes, refletindo de forma significativa nas produções subjetivas. Isso não quer dizer que a relação sujeito-outro tenha caído em descrédito. Sem o outro não há, sujeito. Essa relação sempre foi e continuará sendo indispensável, no entanto, encontra-se, hoje, muito desprovida em seu valor simbólico: de autoridade, de amor, de cumplicidade etc. Nesse sentido, as funções dos indivíduos no grupo vêm se mostrando cada vez mais frágeis e facilmente descartáveis (Passos, 2007).

Verifica-se hoje que tanto crianças como adultos precisam de referências para lidar uns com os outros, e é possível observar uma crise que vem sendo apontada pela juventude através de atitudes de enfrentamento aos adultos. Isto pode ser visto na fala de pais e professores perplexos com o desrespeito desses jovens, filhos e alunos (Torres & Castro, 2009).

Dessa forma, para compreender as mudanças que tem ocorrido atualmente, é necessário fazer um percurso histórico a fim de buscar os diferentes fatores que contribuem para essas transformações. Um dos fatores que podem ser destacados é a questão da autoridade, considerada um lugar ocupado por alguém que tem a possibilidade de fazer-se obedecer, ou, ao menos, respeitar. A pessoa que ocupa esse lugar de autoridade seria investida de certo poder ou influência, diferente de outras pessoas, que o encarregaria de guardar as regras de um grupo, fazer valer seu cumprimento e ser reconhecido por ter um saber diferenciado. A reflexão que se faz hoje é que a hierarquia, que parecia certa,



entre pais e filhos, professores e alunos, principalmente no que diz respeito à autoridade estar desaparecendo (Torres & Castro, 2009).

Segundo Mograbi e Herzog (2006), o declínio da autoridade simbólica é uma das causas responsáveis, pelo surgimento dessas novas formas de patologias e novos sintomas que podem ser observados atualmente. Para a psicanálise, a questão da autoridade simbólica diz respeito à relação do sujeito com a lei, relação que só tem a devida importância se analisada a partir da perspectiva de uma lei interiorizada; lei que se insere no processo de subjetivação como fator determinante.

Sobre esse aspecto Hurstel (2006) diz que os conflitos familiares estão relacionados com a autoridade dos pais, que se enfraqueceu e transformaram-se. Para o autor os pais perderam os pontos de referências tradicionais, e tem cada vez mais dificuldades para assumir essa função. E isto causa um sintoma referente à confusão de lugares entre pais e filhos. Há uma dificuldade em dizer "não" a uma criança, a impor-lhe limites; em síntese, de frustrá-la, mas, sobretudo, impossibilidade de manter o lugar do pai, diferenciado do lugar da criança.

Esse enfraquecimento da autoridade dentro da família permite a entrada de outras instituições para ocupar esse lugar. Com isso os filhos vão buscar fora, essa autoridade que a família não está mais conseguindo oferecer. E os pais por sua vez, vão buscar meios de se orientar ou substituir sua função nesse processo de educação, como os manuais, a televisão, internet, etc.. E o resultado disso são pais sem autoridade e filhos sem limites.

Roudinesco (2003) salienta que a família autoritária de antigamente, triunfal ou deprimida, deu lugar a família mutilada de hoje, feita de feridas íntimas, de violências silenciosas e de lembranças recalçadas. Ao perder sua glória, o pai, que a dominava, apresentou uma imagem contrária de si mesmo, deixando revelar-se um eu descentrado, autobiográfico e individualizado.

Se o pai não é mais pai, se as mulheres estão no domínio da procriação e se os homossexuais têm o poder de assumir um lugar no processo da filiação, se a liberdade sexual é ao mesmo tempo ilimitada e codificada, transgressiva e normalizada, pode-se dizer por isso que a existência da família está ameaçada? Estaremos diante do nascimento de uma onipotência do materno que chegaria decididamente para acabar com o antigo poder do masculino e do paterno em favor de uma sociedade comunitarista ameaçada por dois grandes aspectos: o culto de si próprio e a clonagem? (Roudinesco, 2003),

Sem ordem paterna, sem lei simbólica, a família mutilada das sociedades pós-industriais seria, dizem, pervertida em sua própria função de célula de base da sociedade. Ela se entregaria ao hedonismo, à ideologia do “sem tabu”. Monoparental, homoparental, recomposta, desconstruída, clonada, gerada artificialmente, atacada do interior por pretensos negadores da diferença entre os sexos, ela não seria mais capaz de transmitir seus próprios valores. Como consequência, o Ocidente judaico-cristão e, pior ainda, a democracia republicana estariam ameaçados de decomposição. Daí a permanente evocação das catástrofes presentes e vindouras: os professores apunhalados, as crianças estupradoras e estupradas, os carros incendiados, as periferias entregues aos crimes e à ausência de qualquer autoridade (Roudinesco, 2003 p.10).

Sob esse aspecto, Figueira (1987) aponta que as mudanças ocorridas nas relações e nos valores familiares levaram os pais a se perderem no processo de orientação da conduta dos filhos. Comportamentos que até a alguns anos atrás eram aceitos culturalmente, e até mesmo, esperados, como é o caso da utilização da força física na educação da criança, seja pelos pais, seja pelos cuidadores, atualmente são criticados e restringidos pelos direitos constitucionais. Desse modo, se observa um conflito entre os valores que sujeito recebeu nas fases iniciais da vida, com aqueles no decorrer de seu processo de transição

adolescente e na juventude (Nicolaci-da-Costa, 1985). E no momento que o adulto, agora pai ou mãe, vê-se envolvido com o processo educativo dos filhos, esses valores se chocam levando os pais a se perceberem sem um referencial para seguir. Demonstrando em determinados momentos uma contradição na educação dos filhos, resultando em práticas educacionais inconsistentes e que influenciam no desenvolvimento destes.

Como consequência destes fatores é possível visualizar a legião de pais desesperados que não se autorizam junto a seus filhos. Não se arriscam a educar, na medida em que não se sentem no direito de vir a errar junto à criança (Kamers, 2006).

Biasoli-Alves (2002) constata que as práticas de educação utilizadas pelas famílias com as gerações mais novas sofreram mudanças ao longo do século XX. Os valores tradicionais assimilados na infância passam a conflitar com os modernos. Algumas atitudes tidas como desejáveis caíram em descrédito, como é o caso da liberdade *versus* restrições. Passou-se a atribuir às crianças, uma autonomia e um controle de sua própria vida dificilmente cogitáveis poucos anos atrás. Hoje os pais contemporâneos buscam construir outras formas de se organizarem em torno de seus filhos e construir novas relações baseadas no ideal de serem para os filhos o que seus pais não foram para eles. Sendo mais próximo, mais amigo, não impondo tantos limites rígidos, buscando diminuir os conflitos de gerações.

De acordo com Costa (2004), muitos dos fenômenos apontados hoje em dia, como causas da desagregação familiar, tem haver com as consequências históricas da educação higiênica em que a medicina se destacou pela sua política de higienização da família que progrediu em relação direta com a urbanização. Em outros termos, as famílias se desestruturaram por terem seguido à risca as normas de saúde e equilíbrio que lhes foram impostas.

Foi a partir do movimento higienista do século XIX, que a família começou a perder a sua capacidade de cuidar da saúde e educação de seus membros, tornando-se bastante dependente dos profissionais da saúde e da educação. Nessa época, a família passou a ser definida como incapaz de proteger a vida de crianças e adultos. Por causa dos altos índices de mortalidade infantil e das precárias condições de saúde dos adultos, a higiene conseguiu estabelecer à família uma educação física, moral, intelectual e sexual, inspirada nas normas sanitárias da época. Esta educação, dirigida, especialmente às crianças, deveria revolucionar os costumes familiares. Os indivíduos aprenderiam a desenvolver o desejo pela saúde, acabando, assim, a desordem higiênica dos velhos hábitos coloniais.

No entanto, percebe-se que esta ação médica extrapolou os limites da saúde individual. A higiene enquanto alterava o perfil sanitário da família, modificou também seu aspecto social. Contribuiu, junto com outras instâncias sociais, para transformá-la na instituição conjugal e nuclear característica dos nossos tempos. Converteram-se as características físicas, psíquicas e sexuais de seus indivíduos em adereço de classe social. A família nuclear e conjugal, higienicamente tratada e regulada, tornou-se, sinônimo histórico de família burguesa. As relações intrafamiliares se tornaram uma réplica das relações entre classe sociais (Costa 2004).

Nesse sentido Szymanski (2004) salienta que o que se espera é que o processo de socialização ocorra no convívio familiar especialmente por meio das práticas educativas desenvolvidas com o objetivo de transmitir hábitos, valores, crenças e conhecimentos que possam ser úteis para a inserção dos filhos na sociedade. É um modo que é aprendido por imitação e tende a repetir padrões vividos pelos pais em suas famílias de origem, além da crença de conhecimentos e habilidades inatas para o desempenho da função de pai e mãe.

Entretanto, quando ocorrem as falhas nesse processo estas são atribuídas a patologias ou deficiências morais, intelectuais ou psicológicas dos pais. Com isso, as Instituições educacionais como escolas e creches aproveitam-se dessa ideologia para culpar a família pelas dificuldades escolares e de relacionamento que crianças e jovens apresentam e, também, para encobrir suas próprias deficiências (Szymanski, 2004).

É por esses e outros motivos que na segunda metade desse século, tem-se ouvido falar constantemente de uma crise na família ocidental que seria responsável pela desestruturação da cultura burguesa, principalmente, no que se refere ao comportamento de crianças e adolescentes. Esses comentários partem do pressuposto de que algum dia existiu uma família estável e boa, que oferecia amparo, segurança e bons padrões de moralidade. No entanto, é preciso cuidado ao idealizar essa família estável e estruturada. Porque ela também tem sua patologia, ainda que a família desestruturada também tenha (Khel, 2001).

Um dos fatores causadores dessa desestrutura familiar, tem haver com o fato de que os pais de hoje se veem com uma dívida para com o modelo de família do passado. Isso os impede de exercer a autoridade que lhe cabem desempenhar, e de se encarregarem, dos riscos de criar e educar as crianças que lhe competem criar e educar. Independente de qual seja as novas configurações familiares que vem sendo formada isso não impede os adultos de assumirem essa criança, o risco e a responsabilidade de educá-la e prepará-la para a vida, na medida em que isto é possível (Khel, 2001).

Com relação a esta falta de referências dos pais, dessa dívida com o modelo de família do passado, há uma cultura moderna que contradiz e nos fala para fazer tudo diferente do que nossos pais e mães fizeram ao mesmo tempo espera que fôssemos exatamente como nossos pais e mães ou ainda, como nossos avôs foram (Khel, 2001).

Outro fator de dificuldade dos pais, é que as crianças muitas vezes são altamente investidas narcisicamente como sendo a única esperança de adultos, que se relacionam com os filhos como se eles fossem tudo aquilo que não puderam ser, e como se não pudesse frustrá-lo (Khel, 2001).

Os filhos é a esperança de imortalidade e de perfeição dos pais. Encontramos na clínica mães e pais que dizem: “eu não consigo tirar as fraldas de minha filha, ela não deixa”!“ Mas como assim, ela não deixa?” Então, esta mãe desautorizada (que não se autoriza) apela para outros saberes: “o pediatra falou para tirar agora, a professora falou para esperar o mês que vem minha mãe disse que passou do tempo e o psicólogo infantil disse para eu fazer como quiser”. “O que é que eu faço”? (Khel, 2001 p. 37).

Os pais têm receio de perder o amor dos filhos, e esquecem que uma das tarefas básicas é serem capaz de tolerar o ódio dos filhos, inserindo as leis da cultura, seja ela de ordem ética, moral ou mesmo de simples cortesia e boas maneiras (Vilhena, 1998).

Mas o que é percebido atualmente é um abandono de responsabilidade e de autoridade. “Quando um pai diz: eu não admito que você fale assim comigo”, ele não precisa explicar, ameaçar ou justificar sua posição; ele “não admite”, do alto de seu lugar de adulto encarregado daquela criança, e ponto. Ele está dizendo: “eu cuido de você, eu escolhi este encargo e me responsabilizo por ele, eu posso errar aqui e ali, mas eu não vou te abandonar”. “Por que o abandono das crianças mimadas de hoje, das crianças “de família” e não das crianças de rua, é o abandono moral” (Khel, 2001 p.38).

Não é o fato de uma mãe trabalhar fora, ou ser separada do pai, nem mesmo se o pai cria sozinho os filhos depois de uma separação, ou um casal que só tenha os finais de semana para conviver com as crianças, que elas são abandonadas e mal-educadas. O

abandono acontece quando um adulto não sustenta sua posição diante da criança (Kehl, 2001).

(...) o que é insubstituível é um olhar sobre a criança, ao mesmo tempo responsável e desejante, não no sentido de um desejo sexual abusivo, mas o desejo de que esta criança exista e seja feliz na medida do possível; o desejo que confere um lugar a este pequeno ser, e a responsabilidade que impõe os limites deste lugar. Isto é necessário para que elas obtenham um mínimo de parâmetros, inclusive éticos, para se constituir como sujeitos. (Kehl, 2001, p.38).

Sob outro aspecto, Vilhena (1998) assinala que o consumo desenfreado, o individualismo e a busca pelo bem-estar momentâneo tornaram-se marcante no atual momento em que vivemos. Não há espaço para o pensamento, para refletir sobre si mesmo.

Essa família legatária do individualismo sente o efeito, em si própria, deste mesmo individualismo exasperado, fazendo com que cada vez mais ocorram os clamores na maioria das vezes nostálgicos, pela volta dos valores tradicionais, pelo respeito aos mais velhos e pelo compromisso com o outro. Todos esses fatos são características de um mundo individualista em que as relações se tornam mais idealizadas e se fragilizam, na medida em que prevalece a busca do outro para a confirmação do próprio eu (Vilhena, 1998).

O indivíduo tem se mostrado cada vez mais aberto e independente. Este fato significa muito mais a desestabilização do eu do que a afirmação de um indivíduo que é senhor de si mesmo. Isto se comprova pelo grande número de sintomas psicossomáticos, de distúrbios compulsivos, de depressões, de ansiedades, de tentativas de suicídio e do crescente sentimento de insuficiência e auto depreciação (Passos, 2007).

Deste modo se faz necessário questionar, a formação dos laços intersubjetivos em uma cultura que privilegia as individualidades. É possível observar que a sociedade atual substituiu os parâmetros da coletividade pelo culto à individualidade, à personalidade e à realização pessoal. Atualmente, privilegia-se o prazer pessoal como benefício para a existência coletiva. Isto se configura no dito popular: Cada um por si e Deus por todos (Passos, 2007).

Há uma busca no outro, por amparo, suporte para a solidão, entretanto, como não há possibilidade de se investir nesse outro, não resta alternativa senão o refúgio no próprio eu. Esse movimento, que marca a falta de afeto nos dias de hoje, leva o sujeito a mergulhar em um vazio que o faz sofrer e se penalizar com a dor do outro, muito embora seja incapaz de compartilhar com ele a vida (Passos, 2007).

Vilhena (1998) aponta para o fato de que um dos problemas talvez fosse manter o ideal de família baseado no amor romântico, o que seria incompatível com a pós-modernidade, uma vez que o amor pode trazer algumas dificuldades e riscos. Como pode ser observado atualmente, onde o indivíduo prevalece mais do que a comunidade, os laços são formados mais em função de uma satisfação pessoal. As identidades são apoiadas e negociadas na realidade dos atos, como corpo, etnia, preferência sexual, do que na cadeia das filiações simbólicas e geracionais e nas tradições. Os dramas são sempre psicológicos e referem-se à subjetividade de cada um. Os contratos antecedem o afeto e as relações com as instituições e suas leis são negociadas.

Segundo a mesma autora (1998) amam-se os filhos também como imagens de nossa própria felicidade. Esperam que elas realizem o projeto dos pais. Querem ser, amigos, pares, iguais – e talvez por isso não consigam mais estabelecer nenhum tipo de regra e autoridade. “Toda a autoridade passa a ser vivida como autoritarismo, como uma ameaça a esta felicidade desejada a este amor tão propalado” (p. 72).



Essas ideias geram uma preocupação com relação aos sentidos que têm hoje as funções paternas e maternas e como elas vêm sendo exercidas junto às crianças. Se existe a hipótese de que há uma busca por filhos, fundamentada principalmente nos interesses individualistas dos pais. É preciso admitir que o exercício dessas funções possa se tornar vulnerável, já que elas só têm sentido se respondem àquilo que a criança precisa para amadurecer em cada etapa de sua vida (Passos, 2007).

Para atender à criança, é preciso que ela seja reconhecida como filho, com tudo que lhe é próprio. O não reconhecimento nessas bases pode repercutir nos processos de constituição psíquica e de subjetividade infantil (Passos, 2007).

Diante dessas preocupações com a função materna e paterna é importante também não relacionar a desagregação familiar apenas a fatores de ordem socioeconômicos, tais como a entrada das mulheres no mercado de trabalho, a revolução sexual ou até mesmo as condições de pobreza. É necessário analisar, essa cultura onde esta nova sintomatologia se funda. Caso contrário, as explicações se voltaram sempre em duas posições extremas (Vilhena, 1998).

Uma posição faz referência a um saudosismo que busca o retorno dos tempos passados, que ainda se fosse possível, torna-se idealizado, e sem nenhum sentido de historicidade. A culpa é uma das marcas dos tempos do individualismo, em que extingue qualquer sentido crítico de uma análise histórica.

A outra posição é uma indignação e desesperança, decretando o fim da família, tornando sua desagregação previsível e também irreversível. A partir de uma perspectiva mais radical, é possível visualizar a desistência de lutar por aquilo que acredita que deveria ser (Vilhena, 1998).

Diante do que foi colocado, nota-se que educar não é uma tarefa fácil. E com todo esse aparato de diversidade, o amor, o afeto, enfim, os sentimentos passam a ser também

um desafio tendo em vista que aprender a respeitar e a entender as diferenças, aprender a educar os filhos, dentro de suas limitações e dificuldades é algo que exige um esforço cada vez maior por parte de todos os membros da família contemporânea. Essas transformações pelo qual a família tem passado instiga a realização de diversos estudos nessa área. Pelo fato de ser um assunto que sempre ocupou um lugar importante nas preocupações dos sociólogos, antropólogos, médicos, psicólogos, psicanalistas e outros especialistas.

Dessa forma, as investigações científicas atuais alertam que as famílias reais, na maioria das vezes estão longe de ser o modelo ideal de organização. Entretanto não cabe falar de desorganização familiar, mas de polimorfismo familiar. E apesar da família ser uma instituição em que sua estrutura tem se modificado ao longo dos anos, ela está presente em todas as sociedades, com diferentes formatos, tornando difícil uma única definição (Araújo & Andrade, 2001).

A seguir apresentam-se três pesquisas sobre as múltiplas e complexas estruturas familiares presentes em Goiânia. Trata-se de um recorte da pesquisa matriz intitulada Criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais.

Araújo e Andrade (2001) realizaram uma pesquisa para traçar o perfil das crianças goianienses de 0 a 6 anos, sem priorizar a camada social a que pertenciam, com o objetivo de identificar quem assume a tarefa de educar e cuidar da criança. Os dados levantados foram obtidos através da aplicação de um questionário semiaberto.

Após o levantamento de dados foi constatado que no imaginário dos entrevistados prevalecia um modelo de organização familiar “ideal”, formada pelo pai, mãe e pelos filhos todos reunidos numa casa. Sendo que os pais eram responsáveis por garantir a satisfação de todas as necessidades da família, sua estabilidade e harmonia, tendo como principal tarefa o sustento e a educação das crianças. Esse seria o modelo de família nuclear burguesa (Araújo & Andrade, 2001).

Segundo Araújo e Andrade (2001) esse modelo “ideal” de família burguesa prevalece no imaginário coletivo de nossa sociedade de tal forma que até mesmo aqueles que tiveram uma experiência negativa de família, ou que nem chegaram a tê-la, têm a tendência a reconstruir no imaginário essa configuração familiar ideal. Porque perceber a diferença entre a sua família real e a ideal seria como uma desqualificação para a maioria das pessoas.

Um fator preocupante com relação a esse modelo familiar é considerá-lo como padrão e todos os outros modelos que se diferenciam dele ser considerado desvio. E então, todas as estruturas familiares que não correspondem a esse ideal, terem a qualificação de “família desorganizada”. E ainda serem considerados os causadores de gerar graves problemas à sociedade, como o fracasso escolar, violência urbana, o abuso de drogas, a delinqüência infanto-juvenil e outros (Araújo & Andrade, 2001).

Com relação a pesquisa: “Criando os Filhos: a família goianiense e os elos parentais” foi realizado uma enquete com 680 famílias, que responderam um questionário em que o critério estabelecido era famílias com filhos de 0 a 18 anos. A pesquisa de Cardoso e Monteiro (2001) considerou o item VI desse questionário que investiga o processo de criação de filhos. Segundo eles, a família na atualidade permanece com a função de cuidar de sua prole e educá-la, no entanto tem-se revelado sem referenciais para dar conta dessa tarefa em função de fatores como: a complexidade da vida moderna, as intervenções do dito saber científico produzido sobre educação de crianças, que vem atestando a sua incompetência, o esvaziamento e a superficialidade das relações e vínculos, inclusive os parentais, que a sociedade em que está inserida constituiu.

As famílias hoje têm muita dificuldade para criar seus filhos, chegando ao ponto muitas vezes de desistir, com um sentimento de derrota expressa por meio da frase recorrente: “não dou conta mais”. Além disso, o saber acumulado sobre educação de

crianças acabou por desprezar o conhecimento materno/ paterno, e a família tem-se tornado alvo de intervenções médicas, jurídicas, educacionais e de técnicos das instituições de atendimento à criança e ao adolescente, que pouco contribui para o fortalecimento dos vínculos/elos parentais (Cardoso & Monteiro, 2001).

Ao refletir sobre a instituição família pode se perceber a existência de uma crise ético-paradigmática que acarreta conflitos para a sociedade contemporânea, marcada pelo consumo e determinada por uma cultura do individualismo e do narcisismo, na qual se observa o abandono da tradição, dos valores simbólicos da comunidade e a dominação do imediatismo, cujos efeitos geram o enfraquecimento das normas de convívio da coletividade e das instituições que a compõem: família, escola, igreja e justiça.

Estamos numa época em que o sujeito não é mais valorizado pelo que é, mas pelo que tem, tendo como traço principal o individualismo. Vivemos numa sociedade de consumo na qual o valor do homem está no objeto que consome e no objeto que produz.

Coelho, Resende e Roure (2001) realizaram uma pesquisa intitulada: “Criando os filhos em Nome do Pai”, cuja finalidade era, a partir dos pressupostos metodológicos da psicanálise, escutar a família goianiense. O objetivo central da pesquisa era examinar o processo de identificação na família contemporânea, buscando compreender os novos modelos de sociabilidade produzidos pelas mudanças socioculturais e econômicas na sociedade brasileira, e como tais efeitos atingem a instituição familiar, produzindo novas formas de subjetividade.

Estes autores (2001) entrevistaram crianças de 7 a 11 anos na qual as indagavam sobre com quem gostariam de se parecer. A maioria das crianças em suas respostas citou atores, personagens de novelas, cantores, jogadores, etc. misturavam-se atores com personagens, não diferenciando o real do imaginário. Essas escolhas eram marcadas por uma tentativa de auto-nomeação no qual a criança faz referência a alguém cujo critério é

ter alguma forma de reconhecimento social. Esperava-se que as escolhas partissem das relações de identificação simbólica estabelecidas com os membros da família, mas não foi o que aconteceu. No lugar dos pais, mães, avós, tios, primos ou responsáveis, suas escolhas foram atrizes, atores, músicos e jogadores de futebol como lugar de identificação não mais simbólica, mas imaginária.

(...) se nomear é humanizar, é conferir a possibilidade de um vir a ser, como fica um filho cujo nome é pensado com base em critérios imaginários que não podem remetê-lo a uma rede simbólica de filiação? Que chances podem ter de ser introduzido simbolicamente no mundo que habita? (Coelho et al. 2001, p. 203).

As respostas apresentadas pelas crianças entrevistadas mostram que existe um laço social formado não por relações de identificação simbólica pelo qual um pacto simbólico venha a ser estabelecido, mas por relações de identificação de natureza imaginária, de forma que o outro, o pai ou semelhante apenas é reconhecido se revestido por estereótipos comuns: ser belo, famoso e rico. Dessa forma percebe-se o lugar ocupado pela mídia – jornal, rádio e televisão, na qual compõe diversas identidades desejáveis para o sujeito da modernidade. Ideais que na maioria das vezes são persecutórios, pelo fato de serem acompanhados da obrigação de imitá-los e de realizá-los.

É possível observar que na sociedade contemporânea a constituição do sujeito moderno, sua subjetividade sofre forte influência das imagens indicadas por um repertório midiático, ou seja, identificações imaginárias e não por identificações que tem como referências as instâncias simbólicas como: a família, escola, igreja, justiça e direito. Este fato leva a uma reflexão sobre o tipo de relacionamento que família está tendo no seu interior. (Coelho et al. 2001).

Diante de tais fatos o que se percebe nas sociedades de massa, é que o Outro, antes considerado uma instância simbólica, lugar de nomeação apresenta-se agora através dessa

produção imaginária na qual a televisão parece ser o principal veículo. Fazendo o papel de Outro, de natureza imaginária, parecer caber a ela o poder de nomeação daqueles que deverão ser reconhecidos socialmente. Quando a televisão ocupa esse lugar de saber e de satisfação de desejos, ela acaba por representar um “saber” e um “poder” sobre o sujeito, o qual não se pode questionar sobre o desejo, já que esse “poder” e esse “saber” são dados de fora. O fato é que uma nomeação remetida às imagens produzidas por uma cultura de massa funciona não mais como marca simbólica, mas imaginária. (Coelho et al. 2001 p.200).

Além disso, esta sociedade movida pelo consumo na qual vivemos, causa nas famílias como os pais e mães, o sentimento de fracasso diante da dificuldade de obter a satisfação plena dos filhos evidencia uma preocupação constante com o consumo excessivo de bens esquecendo muitas vezes da relação pais-filhos. Nessa sociedade consumista, os objetos perdem sua finalidade objetiva, sua função e os valores simbólicos se tornam ausentes. Contudo, faz-se necessário questionar até que ponto os pais não estão desenvolvendo uma preocupação demasiada com a satisfação das necessidades físicas dos filhos, deixando transparecer um esvaziamento da dimensão simbólica das relações aí estabelecidas. Isso não quer dizer que pais e mães não devam oferecer conforto e comodidade aos seus filhos. Porém, mais que dinheiro ou títulos, a relação entre pais e filhos deve proporcionar referências simbólicas, transmitir deveres, a autoridade que impõem limites.

## **CAPÍTULO V**

### **PERCURSO DA PESQUISA**

Nesta pesquisa, foi utilizado o método qualitativo – MEDS (Método de Explicitação do Discurso Subjacente; Nicolaci-da-Costa, 2007). Que tem como finalidade ouvir detalhadamente aquilo que os entrevistados têm a dizer a respeito de um determinado assunto, estando em um ambiente familiar e da forma mais livre possível. Um dos princípios da pesquisa qualitativa segundo este método é que a amostra deve ser pequena, em virtude de tais pesquisas demandarem muito tempo e dedicação. O recrutamento dos participantes, ao invés de randômico, geralmente é intencional, e segue o princípio da homogeneidade das características chaves dos participantes.

#### **Participantes**

O primeiro passo foi encontrar famílias que possuíssem filhos adolescentes e que não fossem conhecidos da pesquisadora. A opção por famílias com filhos adolescentes, baseou-se na consideração de que a adolescência se constitui como um momento central na edificação da identidade do indivíduo e neste sentido ponto central da ebulição e consolidação estrutural dos fatores predecessores de sua criação e desenvolvimento. Para a localização dos participantes foi feito contato com uma pedagoga de uma escola pública em Goiânia que indicou duas famílias para participar do estudo. As duas famílias contatadas aceitaram participar, ambas pertencem à classe média baixa, e são residentes em Goiânia. A idade dos filhos adolescentes variou de 13 a 15 anos de vida e dos pais variou entre 36 e 47 anos. A seguir, apresenta-se o Quadro 1 explicativo do perfil da amostra obtida, ressaltando que os nomes dos participantes são fictícios.

**Quadro 1** - Dados referentes à idade, escolaridade e história familiar.

Sujeito	Idade	Escolaridade	História
Família 1 P1 – Carlos	43	2º grau Completo	Veio de origem humilde, de uma família com poucos recursos financeiros, em que o pai segundo ele não trabalhava muito, e a mãe é quem representava a figura de autoridade em casa.
Família 1 M1 – Maria	47	3º grau completo	Também veio de uma família humilde com poucos recursos financeiros. O pai separou-se da sua mãe quando era pequena e após esse fato não teve mais contato com o pai. Foi criada pela mãe e os tios. Diz ter tido uma criação com liberdade, porém diz que os tios eram muito rígidos e autoritários.
Família 1 F1 – Luísa	15	Cursando ensino médio	Referiu-se a família como sua base e um lugar de acolhimento. Reconhece a mãe como figura de autoridade e com quem ela tem mais proximidade. Porém referiu-se ao pai como seu herói e seu modelo de identificação. A queixa apresentada por ela foi com relação à comunicação, em que o pai não conversa muito e a mãe fala, mas não a escuta.
Família 2 P2 – Leandro.	36	Cursando 3º Grau	Veio de uma família humilde em que os pais trabalhavam fora e ele ficava em casa sozinho com os irmãos. Diz ter tido uma infância boa, porém os pais não eram de conversar muito e quando ele fazia algo de errado os pais batiam, segundo ele, a mãe é quem batia mais, o pai na maioria das vezes conversava.
Família 2 M2 – Marta.	37	2º completo	Veio de uma família muito humilde em que o pai era alcoólatra, e não a deixava sair, ao ponto de que para ir a igreja era preciso ser escondido. Diz ter tido uma criação muito rigorosa. Segundo M. o ponto central da sua criação foram as dificuldades que teve com pai, por ser uma pessoa “rude” e ter problemas com o alcoolismo e por isso diz ter lembranças muito ruins da infância e adolescência.
Família 2 F2 – Carla.	13	Cursando	Referiu-se a sua família como pessoas, que ela convive e que faz tudo. Sua queixa foi com relação ao pouco tempo que fica com os pais, devido a eles passarem boa parte do tempo trabalhando.

## Instrumentos

Para este estudo foram utilizados os seguintes instrumentos: Entrevista Semi-estruturadas (Anexo C), Termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo A), e Ficha de Características Sócio-demográficas - (SD) (Anexo B). Na Ficha SD são levantados os dados pessoais e sócios demográficos (sexo, idade, escolaridade, estado civil, número de



filhos, atividades instrumentais e físicas regulares, e naturalidade). O Roteiro da Entrevista Semi-estruturada foi elaborado a partir dos pressupostos do MEDS que recomenda um roteiro de entrevistas que agregue fixidez e flexibilidade, sendo este constituído por algumas perguntas centrais e várias outras adicionais e contrastantes. As perguntas foram realizadas de acordo com o desenrolar da conversa com os pais e os filhos. O objetivo era abordar os seguintes eixos temáticos: (a) A percepção sobre a família (b) modelo parental; (c) autoridade; (d) dificuldade de educar com mais rigor, de impor limites; Tais temas foram abordados com todos os participantes, possibilitando a análise das respostas tanto individualmente, quanto comparativamente, com o objetivo de investigar possíveis contrastes entre as respostas de um sujeito e outro e, também, possíveis contradições nas respostas de um mesmo sujeito.

## **Procedimentos**

Levando em consideração os objetivos deste estudo, as entrevistas aproximaram-se de uma conversa informal e tiveram como finalidade proporcionar a fala mais livre possível dos participantes sobre o contexto geral das relações familiares e do processo de criação/educação de filhos (Nicolaci-da-Costa, 2007; Nicolaci-da-Costa et al., 2009).

A técnica da livre escuta e da associação livre, originário da Psicanálise contribuiu ao MEDS com a noção de captar aquilo que é importante para o outro sem ser intrusivo, considerando que aquilo que é realmente importante para um indivíduo em relação a certo tema aparece espontaneamente em seu discurso (Nicolaci-da-Costa, 2007).

A seguir apresentam-se as fases percorridas durante a pesquisa de acordo com o MEDS:

**Quadro 2** – Fases de execução da pesquisa

Fases	Procedimentos
Fase 1	Seleção da Amostra
Fase 2	Construção do Roteiro para as Entrevistas
Fase 3	Aplicação das Entrevistas
Fase 4	Transcrição dos Depoimentos
Fase 5	Análise dos Depoimentos Coletados

O primeiro contato com os participantes foi estabelecido por telefone, assim como a identificação da pesquisadora e dos objetivos da pesquisa. Após interesse e confirmação em participar da pesquisa marcou-se o dia e horário das entrevistas de acordo com a disponibilidade dos participantes. No primeiro contato, Depois de devidamente informados sobre a pesquisa, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Participação da Pessoa como Sujeito (Anexo A). Em seguida, foram aplicados os instrumentos na seguinte ordem: Ficha de Caracterização Sócia Demográfica (AnexoB) e Entrevista Semi-estruturada.

Os encontros foram realizados na casa dos entrevistados, em local adequado para a realização da entrevista. Tiveram, em média, duração de 30 a 40 minutos. As entrevistas eram feitas separadamente com cada membro da família. Foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas literalmente. Todas as entrevistas foram analisadas com a finalidade de destacar os temas centrais do discurso de pais e filhos para análise qualitativa de seus resultados. A transcrição foi feita na íntegra e as falas dos participantes não foram alteradas nem editadas, considerando que o MEDS preconiza esta rigorosidade, em virtude de que erros gramaticais, palavrões, expressões, quando presentes fazem parte do discurso do sujeito (Nicolaci-da-Costa, 2007).

## CAPÍTULO VI

### Resultados e Discussão

Este capítulo expõe os resultados obtidos por meio das entrevistas realizadas com as famílias, juntamente com a discussão destes resultados. Neste momento serão expostos fragmentos dos discursos dos participantes, sendo que as entrevistas completas estão em anexo.

Participaram desta pesquisa duas famílias, ambas compostas por pai, mãe e filha. Foi utilizada a sigla M1, para se referir a Mãe da primeira família, P1, para o pai da primeira família e F1 para a filha da primeira família, M2 para a mãe da segunda família, P2 para o pai da segunda família e F2 para a filha da segunda família.

Considerando-se os dados que referenciam as famílias e o que foi possível apreender com os discursos dos sujeitos entrevistados, foram obtidos elementos significativos de como a família tem se organizado na atualidade. Cabe ressaltar que as relações familiares, desde o início do seu desenvolvimento, são fundamentais na formação da subjetividade do sujeito e, por isso, a sua importância para esse estudo.

A seguir serão apresentados os itens que foram mais relevantes nas entrevistas, como: Contradição família ideal *versus* família real, Modelo parental, Autoridade, Dificuldade de educar, de impor limites, Ausência de referências, Comunicação entre os membros da família, Tradição *versus* Modernidade na Educação e Projeção de desejos.

Para uma melhor ilustração será utilizado Extratos (E) para indicar as falas dos participantes que estão enumeradas e dispostas na íntegra no Anexo D

- **Contradição família ideal *versus* família real**

Observou-se que tanto os pais como os filhos ao serem indagados sobre o significado do que é família, fizeram uma representação idealizada da mesma: *a família é onde tem amor, dialogo atenção. É à base de tudo* (F1-F2/ E1).

Da mesma forma quando questionados sobre o que é ser pai e o que é ser mãe, os pais também relatam uma visão idealizada: *Mãe é quem cuida, dá afeto, carinho, quem conversa, orienta*(F1-M1/E8), e em: *o melhor presente de Deus é ser mãe* (F2-M2/E3).

Posteriormente ao serem perguntados sobre como é a sua família, a realidade se mostrou diferente da idealização. E o que se observa é que a família tão sonhada se difere da família real, isso faz com que ocorram conflitos. Como nos casos em que a mãe reclama pelo fato do marido ser um pai ausente e se voltar muito para a questão profissional em detrimento das questões familiares (F1-M1/E3), quando a mãe reconhece que apesar do bom relacionamento, há conflitos que acabam em brigas (F2-M2/E2) e no relato da filha que reclama da ausência dos pais, já que estes estão na maior parte do tempo no trabalho (F2-F2/E2).

Estes relatos indicam que a família é para além de toda a idealização um lugar de conflitos. Contudo, mesmo com a vivência diária das dificuldades e conflitos que ocorrem no relacionamento familiar, seus membros, ainda assim, fantasiam um ideal de família.

Neste sentido, Gomes e Pereira (2005) corroboram os resultados indicando que cada indivíduo traz sua representação de família própria, seja ela a família real ou a família sonhada, seja da sua família ou a do outro. Esses aspectos estão relacionados a ponto de vista e conceitos, sentimentos e anseios, expectativas correspondidas ou não correspondidas de cada um. O sujeito ao falar da sua família faz um perfil ideal daquilo que gostaria que ela fosse sem se dar conta que a realidade difere da sua fantasia.

Esses dados demonstram que o modelo “ideal” de família burguesa ainda prevalece na imaginação da sociedade. E mesmo aquelas pessoas que não tiveram ou não tem uma boa vivência familiar ainda assim idealizam esse modelo. Isto ocorre pelo fato de que aceitar a distância entre o real e o ideal gera sentimentos de incapacidade para uma grande parte das pessoas (Araújo & Andrade, 2001).

Contudo, esta idealização, este modelo de família perfeita pode ser um dos fatores que intervém no desenrolar do relacionamento real entre os membros da família gerando tanto uma expectativa falida como sentimentos de incapacidade, inadequação e culpa que se exteriorizam nas vivências dos membros em seu dia-a-dia.

- **Modelo parental**

Ainda hoje é possível perceber que há uma divisão entre as funções parentais, no qual o pai geralmente é o provedor e a mãe é quem cria e educa. Contudo há um número significativo de mães que trabalham fora e também contribuem para o sustento da casa, além de zelar pelos cuidados domésticos e pelos filhos. Dessa forma a mãe nem sempre é garantia de afeto, assim como o pai também nem sempre é quem representa a figura de autoridade. E de certa forma têm sido exigido de cada um dos pais assumir novas atribuições e papéis dentro do contexto relacional familiar.

Este fato ficou evidente no discurso da mãe que reclama que o pai não conversa muito com os filhos e que a preocupação dele é mais o trabalho (F1-M1/E3). Em outra fala, a mãe diz estar sobrecarregada, pelo fato de além de trabalhar, ser ela quem resolve os conflitos com os filhos enquanto o pai se exime dessa função (F1-M1/E42). O pai por sua vez tem consciência desse fato no momento em que expressa: *Eu sou mais responsável na parte financeira, mas com relação à educação eu sou mais desleixado. Ela (mãe) é que coordena mais*” (F1-P1/E9).

Pode-se perceber que a família atual encontra-se em impasse entre o modelo que foi durante séculos fundamentados na soberania do pai e as transformações que advém, por exemplo, das mudanças da condição sociocultural da mulher na sociedade ocidental (Roudinesco, 2003).

É manifesto que o pai hoje é mais solicitado a se envolver na criação dos filhos, e não ser apenas aquela figura provedora e autoritária, porém a sua inserção nesta nova

disposição ainda não se consolidou. Por outro lado, vê-se que na vacilação sobre sua função o pai se ausenta como o representante da lei que transmite as regras, as normas e que irá ajudar o filho a se inserir no convívio sociocultural.

A *falta de tempo* constitui-se como outro importante aspecto que intervém, tanto quantitativamente como qualitativamente, nas relações entre pais e filhos na atualidade. Este aspecto fica presentificado no relato dos pais que indicam que o período que passam fora de casa durante o trabalho implica em um distanciamento do cotidiano dos filhos (F2-M2/E16-P2/E10). Muitas vezes, essa “necessidade” de afastamento é preenchida por uma tercerização da criação dos filhos por meio de babás, creches, escolas, centros esportivos, escolas de inglês, etc. (Roudinesco, 2005). Contudo, essas soluções são paliativas e os filhos ressentem dessa ausência dos pais: *Tá muito diferente do que era antes. Antes todo mundo ficava junto em casa, hoje todo mundo trabalha muito, não fica muito tempo em casa, com a família. Hoje tem muitos filhos que fica contra a mãe contra o pai* (F2-F2/E29).

- **Autoridade**

Com relação a quem é o principal responsável pela criação e educação, todos os entrevistados discorrem que a criação é uma responsabilidade compartilhada, porém no decorrer da entrevista foi visto que isto não é o que ocorre na realidade, havendo uma divisão entre a função de *provedor* (geralmente assumida pelo pai, mas também pela mãe) e a função de *conversar/orientar* os filhos - geralmente a cargo da mãe, mas também cobrada do pai (F1-M1/E12-14; F2-M2/E10).

Os entrevistados, ao serem indagados sobre quem exerce a autoridade na família, apresentaram um desencontro de opiniões. Ambas as famílias indicam no pai a figura de autoridade, porém ficou nítido que nem sempre é o caso: *Meu esposo, com certeza* (F1-

M1/E8) e em: *Eu acho que é dividido em partes iguais, mas às vezes minha esposa coordena mais* (F1-P1/E8).

Percebe-se que aquilo que representava o centro da função paterna, vem sendo exercido por outras pessoas, ou outros institutos sociais. E que o sistema patriarcal, enquanto formato de organização social encontra-se em transição na atualidade (Ceccarelli, 2007).

- **Dificuldade de educar, de impor limites.**

A falta de referências estáveis, a falta de tempo, a ausência no cotidiano dos filhos tem gerado, dentro do pensamento de *compensação*, uma opção por uma educação mais flexível, baseada no diálogo e com a menor frustração possível.

Ao serem perguntados sobre como agem quando o filho faz algo de errado, ambas as famílias enfatizaram o diálogo, sem tomar nenhuma medida mais concreta: *Conversamos, nós sempre resolvemos as coisas conversando* (F1-M1/E16), *geralmente não faço nada demais não, eu procuro entender* (F1-P1/E13) e... *Eu sinto que às vezes eu deveria ser mais rigorosa* (F2-M2/E13).

Segundo Vilhena (1998), a ideia dos pais de serem amigos, pares, iguais para seus filhos pode estar apontando para um sentimento de culpa e para o medo de ao serem “rígidos demais”, perderem o amor dos filhos. A autoridade, muitas vezes, é sentida como um autoritarismo e os pais acabam por se perderem nessa ambigüidade, sem saber o momento de ser “amigo” e o momento de serem “pais” e de impor regras, limites e se fazerem respeitados.

Os pais entrevistados demonstraram uma dificuldade em colocar limites para os filhos, demonstrando culpa gerada pela ausência: *por ficar às vezes muito tempo fora de casa, ai você deixa fazer muito, o que quer, é difícil colocar limite* (F2-M2/E37) e: *Às*

*vezes eu tenho dificuldade de proibir, quando eles insistem muito em alguma coisa que querem eu acabo cedendo* (F1-M1/E20).

Diante do peso da responsabilidade pelo processo de educativo dos filhos, os pais sentem-se inseguros ao tentar estabelecer o “critério ideal” na introdução de limites, ora demonstrando serem rígidos demais, ora não interferindo.

- **Relações de simetria**

De acordo com Biasoli-Alves (2002), há um conflito com relação às práticas de educação recebida pela família de origem e as práticas modernas. Hoje a criança e o adolescente são atribuídos de uma autonomia e um controle de sua própria vida, dificilmente pensáveis poucos anos atrás. Os pais buscam serem mais próximos dos filhos, mais amigos, não impondo tanto limites, com a intenção de diminuir os conflitos de gerações.

Neste contexto, um aspecto apresentado pelos pais foi à insegurança com relação ao modo de educar, demonstrando uma horizontalidade, uma simetria na relação pais e filhos, expondo uma dificuldade em manter o lugar de pais, diferenciada do lugar do filho: *eu explico o porquê eu estou proibindo* (F2-M2/E15), *eu não me sinto a vontade quando eu tenho que proibir* (F2-P2/E17), e: *minha mãe explica, meu pai justifica. Minha mãe ela explica o porquê daquele fator, da decisão dela. E meu pai já vai direto ao ponto* (F1-F1/E11).

Esses dados enfatizam que os pais ao tentar estabelecer uma regra ou um limite sentem-se na obrigação de fornecer uma satisfação aos filhos e justificar porque de sua ação. Explicar é uma atitude positiva desde que não se torne uma justificativa como vê-se em alguns casos.

Um dos dilemas apresentados por Wagner (2003), na geração atual, é o fato de os pais quererem transmitir os conhecimentos através de uma forma atualizada, deixando para



traz o modelo antigo, visto como clássico e hierárquico. E assim deixam de transmitir as gerações atuais experiências vividas com a família de origem. Os pais na intenção de acertar, de adequar ao que é colocado como ideal, acabam perdendo a autenticidade junto aos seus filhos. Os pais confundem muitas vezes afetividade com aprovação incondicional, sendo que o fato de ter uma atitude firme no momento de educar não quer dizer que não possam ser afetivos e amorosos, não levam em consideração que o ato de corrigir, proibir, negar são também demonstração de amor. Com isso cedem aos pedidos dos filhos: *Às vezes tento suprir a falta deixando elas fazerem algumas coisas que querem* (F2-M2/E18), e; *Quando eles insistem muito em alguma coisa que querem eu acabo cedendo* (F1-M1/E46).

- **Ausência de referências**

Outra informação relevante observada nas entrevistas é que os pais se vêem sem referências claras na hora de educar. Quando foram questionados se havia alguma situação em que eles ficavam sem saber o que fazer, em ambas as famílias os pais responderam que sim, e enfatizaram a fase da adolescência como sendo a mais complicada: *Tenho com essa fase da aborrecencia. Quando começa a sair* (F1-M1/E18), *Existe, às vezes acontece de ficar insegura, principalmente quando a N. responde, fica trancada no quarto ai fico pensando o quê que eu vou fazer o quê que pode acontecer* (F2-M2/E31).

A adolescência é sem dúvida um momento crucial do processo de educação e criação dos filhos, momento marcado pela transição da infância e a idade adulta, constitui-se em uma fase caracterizada por emoções intensas e ambíguas. Na busca de construção de sua identidade o adolescente muitas vezes se afasta dos valores da família buscando a companhia do seu grupo. Isto frequentemente é percebido como rebeldia e impacta potencialmente as relações com os pais.

- **Comunicação entre os membros da família**

Sobre esse assunto, as famílias entrevistadas enfatizaram a importância do diálogo, da conversa, porém novamente a realidade se mostrou diferente do discurso. Em alguns casos não havia diálogo, havia uma conversa em que a mãe fala, mas não escuta, ou pai que não conversa e deixa essa função para a mãe. Na outra família eles não conversam sobre todos os assuntos, como sexo, droga, assuntos que ainda são considerados tabus: *sempre falta, eu acho que falta por parte da minha mãe, escutar mais. Minha mãe gosta muito de ter a opinião dela, o que prevalece é a opinião dela, praticamente. E meu pai ele escuta mais do que fala* (F1-F1/E33-34); *Conversamos sobre tudo. O pai não, ele não conversa muito, eu acho isso errado ele deveria conversar mais* (F1-M1/E41); *Não ainda não, nunca conversei. Porque a N. ta com 13 anos, e ela é tão menina ainda que eu nunca conversei sobre sexualidade, ainda não* (F2-M2/E33); e: *a gente mesmo sabendo que tem que conversar tem que ter um papo aberto, ainda assim não teve um momento de falar assim vamos conversar uma coisa mais séria* ( F2-P2/E30).

A comunicação entre os membros da família se torna fundamental para incentivar e promover as relações para que estas sejam mais satisfatórias e saudáveis. Segundo Santos e Pratta (2007), a fragilização das relações familiares durante as transformações advindas da adolescência são fatores de risco para que os jovens e neste sentido os pais devem estar atentos a esses momentos e para isso é preciso que olhem para seus filhos e escutem o que eles têm a dizer.

- **Tradição *versus* Modernidade na Educação**

Os participantes da pesquisa demonstraram um desejo de criar os filhos de forma diferente da que foram educados. Porém o que se viu na realidade foi que em determinadas situações os pais agem com os filhos da mesma maneira que seus pais. Ao serem indagados sobre a diferença da criação recebida e a dos filhos, as famílias relataram manterem o mesmo respeito, união, porém educam de uma forma mais moderna. Como

pode ser visto em: “*Tem o mesmo respeito, a união, mas eu tenho mais a cabeça deles (filhos), acompanho eles. E minha mãe não, a cabeça dela ficou parada no tempo, ela não conversava muito, era muito reservada* ( F1-M1/E31).

Wagner (2003) salienta que os pais idealizam a forma de educar, na tentativa de não cometerem os mesmos erros pelos quais foram educados, isso nem sempre é um fator positivo, pelo fato de que os pais ignoram as referências que tiveram em sua família de origem e o valores recebidos é visto como antigo e atrasado.

Outro fator no discurso dos pais em relação à sua criação foi a relevância com que referem à *falta*, o fato da história dos pais estarem pautada por falta que buscam preencher na criação dos filhos: *é o que eu falo pra elas sempre, sempre, pra elas agradecerem tudo que elas têm. E eu mostro pra elas tudo que eu não tive e que elas têm hoje. Pra dar valor as coisas porque às vezes acha que é pouco, mas eu não tive isso* (F2-M2/E26).

Fato marcante é que a referência à *falta* vivida enfatiza na criação uma preocupação excessiva em preencher as lacunas a partir da oferta de bens de consumo e lazer aos filhos em detrimento dos bens mais fundamentais inscritos na dimensão simbólica: valores e deveres (Coelho et al, 2001).

Neste sentido, ao serem indagados sobre a família de origem, os pais relataram uma educação rígida de pouco diálogo, porém o que prevaleceu foi um discurso sobre a família como um lugar afetivo. Alguns falaram da família como modelo que não querem seguir, no entanto demonstraram agir da mesma forma. Outros, como referimos, pautaram-se nas faltas que tiveram como referência para a educação dos filhos. Ao serem questionados sobre o ponto central da criação que tiveram, ambas as mães destacaram a falta da figura paterna e se emocionaram ao falar: *A falta do pai, principalmente na época de escola, todo mundo tinha o pai e eu não. Isso foi muito difícil* (F1-M1/E30); *Foi meu pai era muito*

*rude, eram seis filhas mulheres e meu pai era alcoólatra, é alcoólatra até hoje. Eu tenho lembranças muito ruins da minha infância da minha adolescência (F2-M2/E23).*

Sobre os problemas familiares na atualidade os pais destacaram a falta de referência, estrutura, diálogo, falta de controle sobre os filhos e a influência do meio externo na educação e a violência. Já os filhos enfatizaram a falta de comunicação e a ausência dos pais, devido ao trabalho (F1-M1/E52– P1/E44 – F1/E30 e F2-M2/E44 – P2/E38 – F2/E30).

- **Projeção de desejos**

Um fator importante se constitui pela projeção nos filhos do desejo dos pais: *É ele (pai) até gostaria que os filhos trabalhassem aqui com ele (na loja). Eu não concordo, eu acho que eles têm que estudar seguir outros caminhos (F1-M1/E5); que consigam vencer na vida, pra que não tenham as dificuldades financeiras que eu tive (F1-P1/E45); Eu não quero que elas errem como eu errei (F2-M2/E6).*

Segundo Khel (2001), os pais costumam projetar nos filhos o desejo daquilo que não tiveram ou daquilo que não puderam ser e isso pode refletir na criação dos filhos. É importante que os pais se preocupem com o futuro dos filhos e queiram evitar dificuldades que tiveram, mas é imprescindível respeitar a individualidade de cada um. Pois a projeção de sonhos frustrados pode constituir-se em um fardo enorme para a criança ou o adolescente.

## Considerações Finais

Ao longo da história, a família sofreu inúmeras modificações, seja na organização da casa, na forma de criar os filhos ou até mesmo no relacionamento pais e filhos. E, no entanto, esta instituição continua sendo de grande importância e ocupando um lugar proeminente na vida de um indivíduo. Pois é no desenrolar dessa complexa relação emocional que o indivíduo apreende seu modo particular de sentir, ver e pensar o mundo que o rodeia. A família detém ainda hoje algum grau de influência na formação das futuras gerações e um papel relevante no núcleo dos laços sociais.

Dessa forma o presente estudo apontou a evidência de como os sujeitos idealizam a família, ao mesmo tempo em que a criticam. Os pais, ao descreverem o modo como educam seus filhos, acabam revelando características semelhantes à forma com que foram criados. E mesmo adultos ainda carregam lembranças fortes de fatos ocorridos na infância que hoje apresentam influência direta sobre a sua personalidade e na forma como educam os filhos.

Ficou evidente a vacilação das referências dos pais no processo de criação dos filhos. Em alguns momentos criticaram a forma com que foram educados, mostrando um desejo de fazer diferente com os filhos, em outros evidenciaram terem as mesmas atitudes. Esses fatos fazem com que os pais se percam no caminho, não conseguindo estabelecer parâmetros, agindo com autoritarismo em determinadas ocasiões e sendo excessivamente liberal em outros. Na tentativa de acertarem, de se adequar ao que “deve ser” acabam perdendo a legitimidade junto a seus filhos. Buscam ser “modernos” ao mesmo tempo em que temem cometer os mesmos erros recebidos de sua própria educação. Com isso se fragilizam frente a seus filhos, pela perda de referências.

Outro elemento importante que se revelou foi a correria do dia-a-dia que se vê atualmente, em que os pais trabalham fora, para garantir o sustento da família, estando uma boa parte do tempo ausentes do convívio familiar. Este fato tem causado diversos conflitos familiares, visto que os pais sentem-se culpados pela ausência e acabam cedendo às exigências dos filhos ainda que estas sejam incabíveis.

Essas atitudes dos pais influenciam na falta de limite dos filhos, pois da mesma forma também sentem dificuldades em se impor tais limites. Os pais colocando-se no mesmo patamar dos filhos agem como se estivessem de igual pra igual nessa relação. E os filhos por sua vez se mostram nessa mesma simetria. Questionam-se os pais, não aceitam as regras impostas, principalmente quando estão na fase da adolescência. Os pais acabam perdendo o controle da situação. E ao invés de explicar aos filhos sobre limites, educação, etc. acabam se justificando o tempo todo, como se não tivessem autoridade sobre os filhos.

Outra questão de destaque durante a pesquisa foi verificar a perda do limite que pode ser considerada como uma das mais graves perdas que o adolescente vem sofrendo na atualidade. A criatividade na adolescência está intimamente ligada à noção de limite. A falta deste impede que o adolescente exercite sua capacidade de pensar, de ser criativo e espontâneo e impede que o adolescente organize sua mente, pois o limite ajuda nesta organização.

A adolescência é uma fase na qual o sujeito busca a solidificação da sua própria identidade. Portanto, esta é uma fase que requer cuidados e atenção dos pais, pois o declínio da autoridade simbólica pode ser considerado uma das causas responsáveis, pelo surgimento dessas novas formas de patologias e novos sintomas que tem surgido atualmente, como o uso abusivo de drogas por jovens cada vez mais novos, a delinquência, a violência ou até mesmo comportamentos extremamente agressivos de crianças e adolescentes.

Para a psicanálise, a autoridade simbólica diz respeito à relação do sujeito com a lei, relação que só recebe a devida importância se considerada a partir da perspectiva de uma lei interiorizada; lei que se insere no processo de subjetivação como fator determinante. E são os pais que contribuem para que essa lei seja internalizada ou não.

Nesse estudo, foram abordados alguns aspectos de como tem sido as relações familiares atuais, e como tem se dado o processo de educação dos filhos. O que ficou evidente foi a falta de referências dos pais na hora de educar, as dificuldades de confirmar a autoridade que lhe cabem apresentar junto aos seus filhos, evidenciando uma falta de equilíbrio entre o momento de demonstrar amor e o momento de impor limites.

Diante da complexidade das relações familiares a presente pesquisa se insere como gota em um oceano de possibilidade que devem ser exploradas visando à compreensão das transformações e efeitos que surgem da inserção das relações familiares nos novos contextos postos pela contemporaneidade. Neste sentido, esperamos que possibilite o desenvolvimento de novos projetos. Nestes, poder-se-ia aprofundar aspectos relevantes ao tema, tais como: o aprofundamento dos resultados obtidos por meio de pesquisas que envolvam diferentes classes sociais e o desenvolvimento de um modelo de “acompanhamento pós-natal” que, por meio de intervenções socioeducativas, visem a uma reorganização das referências parentais no que se refere ao exercício da função paterna.

### Referências Bibliográficas

- Araújo, D. S., Andrade, V. A (2001). O perfil da criança de 0 a 6 anos: Quem cuida e educa a primeira infância. Em S. M. G. Sousa & I. Rizzini (Coord.). *Desenhos de família. Criando os filhos: A família goianiense e os elos parentais* (pp.137-171). Goiânia, GO: Cãnone Editorial.
- Araújo, S. M. B (2005). A ausência da função paterna no contexto da violência juvenil. *Simpósio Internacional Do Adolescente*, São Paulo. Disponível em: <http://www.scielo.br>.
- Áries, P. (1978). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar
- Barros, F. O. (2000) *Do Direito ao pai*. Belo Horizonte: Del Rey.
- Biasoli-Alves, Z. M. M (2002). A questão da disciplina na prática de educação da criança, no Brasil, ao longo do século XX. *Veritati*, 2, (2), 243-259.
- Cardoso, N. A. & Monteiro, L. P. Família e criação dos filhos. Em S. M. G. Sousa & I. Rizzini (Coord.).(2001). *Desenhos de família. Criando os filhos: A família goianiense e os elos parentais* (pp.137-171). Goiânia, GO: Cãnone Editorial.
- Carvalho, M. C. N. & Gomide, P. I. C. (2005). Práticas educativas parentais em famílias de adolescentes em conflito com a lei. *Estudos de Psicologia* (Campinas). 22, (3), 263-275.
- Ceccarelli, Paulo Roberto (2007). Novas configurações familiares: mitos e verdades. *Jornal psicanálise*, 40, (72), 89-102. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php>.
- Costa, J. F (2004). *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Coelho, J. M., Resende, J. J. & Roure, G. Q. Em S. M. G. Sousa & I. Rizzini (Coord.) (2001) *Desenhos de família. Criando os filhos: A família goianiense e os elos parentais* (pp.137-171). Goiânia, Go: Cãnone Editorial.
- Coelho, Machado & Sena (2006). A Delinquência Juvenil e suas Relações com a Função Paterna. *SEPA. Seminário Estudantil de Produção Acadêmica*, 10, 1-11. Artigo publicado em periódicos.



- Feijò, C. M; Assis, G. S (2004) O contexto de exclusão social e de vulnerabilidade de jovens infratores e de suas famílias. *Revista Estudos de Psicologia*, 9, (1), 157-166.
- Figueira, S (1987). O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível do social. Em S. Figueira (Org.), *Uma nova família* (pp. 11-30). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Freud, S (1996). Conferências introdutórias sobre a psicanálise: Conferência XXIII. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. XVI, pp: 419-439). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917).
- Freud, S. (1996). Psicologia de Grupo e Análise do Ego. Em Edição *Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, (Vol. XVIII, pp: 79-183). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (1996). Um estudo autobiográfico. Em Edição *Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, (Vol. XX). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (1996). O Mal-Estar na Civilização. Em Edição *Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*,( Vol. XXI, pp: 67-148). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (1996). Esboço de psicanálise: Um exemplo de trabalho psicanalítico. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. XXIII, pp. 211-223). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940).
- Freitas, L. A. P (1994). Adolescência, família e drogas. *Saúde, Sexo e Educação. Uni IBMR*. Nº 10, Rio de Janeiro: O Instituto.
- Freitas, A. H. F. L (1994). A Falta que ele faz: Considerações sobre a função paterna e o uso de drogas. *Saúde, Sexo e Educação. Uni IBMR*. Nº 10, Rio de Janeiro. O Instituto.
- Gomes, M. A. Pereira, M. L. D. (2005). Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas. *Ciência e Saúde Coletiva*. 10 (2), 357-363, Fortaleza-CE.

- Gomide, P. I. C (2003). Estilos parentais e comportamento anti-social. In: Del Prette, Z. Del Prette (Orgs). *Habilidades sociais e aprendizagem*. Campinas: Alínea.
- Hurstel, Françoise (2006). Autoridade e transmissão da “dívida de vida”: Uma função fundamental dos pais. *Epistemo-sômatica*, dez., 3 (2), 163-173. Disponível em: [www.scielo.br](http://www.scielo.br).
- Kamers, Michele (2006). As novas configurações da família e o estatuto simbólico das funções parentais. *Estilos da clinica*. Dez. 2006, 11, (21), 108-125. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php>
- Khel, M. R (2001), Lugares do feminino e do masculino na família. Em: M.C. Comparato & D.S.F. Monteiro (Orgs.), *A criança na contemporaneidade e a psicanálise* (Vol. 1). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lacan, J (1985). *Os complexos familiares*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Leal, C. B (1983) *A delinqüência juvenil: seus fatores exógenos e prevenção*. Rio de Janeiro, Aide.
- Lebrun, Jean-Pierre (2004). *Mundo sem limite*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Levi-Strauss, C (1980). *A família: origem e evolução*. Rio de Janeiro: Vila Marta.
- Lino, M. V. (2009). A contemporaneidade e seu impacto nas relações familiares. *Revista IGT na Rede*, 6, (10), 2-13.
- Meira, A. M. B. (2003). Os brinquedos e a infância contemporânea. *Psicologia e Sociedade*, Porto Alegre, 15, (2), Dec. Disponível em: <http://www.scielo.br>
- Moraes, M. L. Q (2001). A estrutura contemporânea da família. Em: M.C. Comparato & D.S.F. Monteiro (Orgs.), *A criança na contemporaneidade e a psicanálise* (Vol. 1). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mograbi, D.; Herzog, R (2006). Sob o signo da incerteza: autoridade simbólica e desamparo. *Estudos de psicologia*, Natal, 11, (2), Disponível em: <http://www.scielo.br>.

- Nicolaci-da-Costa, A. M (2007). O campo da pesquisa qualitativa e o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS). *Psicologia Reflexão e Crítica* 20, (1) Disponível em: <http://www.scielo.br>.
- (1985). Mal-estar na família: descontinuidade e conflito entre sistemas simbólicos. Em S. Figueira (Org.), *Cultura da psicanálise* (pp. 147-168). São Paulo: Brasiliense.
- Passos, M. C.(2007). A constituição dos laços na família em tempos de individualismo. *Mental*, Barbacena, 5, (9), Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>
- Poster, M (1979). *Teoria crítica da família*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Rabinovich, E. P. e Moreira, L. V. C. (2008). Significados de família para crianças paulistas, Brazil. *Psicologia em Estudo*, 13, (3) Disponível em: <http://www.scielo.br>.
- Rocha, A. P. R.; Garcia, C. A. (2008). A adolescência como ideal cultural contemporâneo. *Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília, 28, (3). Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&)
- Roudinesco, E (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Sarti, C. A (2000). Família e individualidade: um problema moderno. In: Carvalho, M.C.B (Org). *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC Cortez.
- Santos, M. A. & Pratta, M. M. E (2007) Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 12, (2), 247-256.
- Sena, I. J.; Machado, T. R. C.; Coelho, T. A. D (2006). A delinquência juvenil e suas relações com a função paterna. *SEPA. Seminário Estudantil de Produção Acadêmica*, 10, 1-11,. Artigos publicado em periódicos.
- Staudt, A. C. P. Wagner, A. (2008), Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia Teoria e Prática*. Porto Alegre – RS, 10(1), 174-185.
- Szymanski, H. (2004). Práticas educativas familiares: a família como foco de atenção psidoeducacional. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 21, (2), Disponível em: <http://www.scielo.br>

- Torres, M. C. E., Castro, L. R. (2009). Resgatando e atualizando os sentidos da autoridade: um percurso histórico. *Paidéia* (Ribeirão Preto), Ribeirão preto, 19, (42). Disponível em: <http://www.scielo.br>
- Vilhena, J. (1998). A família morreu... Viva a família... *Interações, Estudos de Pesquisas em Psicologia* (UNIMARCO). São Paulo, 3 (6).
- Wagner A. Falcke D. Silveira L. M. B. O. & Mosmann C. P. (2002) A Comunicação em Famílias com Filhos Adolescentes. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 7, (1), 75-80.
- Wagner, A. (2003). A família e a tarefa de educar: algumas reflexões a respeito das famílias tradicionais frente a demandas modernas. Em: T. Féres-Carneiro (Org.). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas* (pp. 27-33). São Paulo: Loyola.
- Winnicott, D. W (1999) *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo, Martins Fontes.

## ANEXO A

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), de uma pesquisa intitulada “Família Contemporânea: complexidades e desafios atuais”. Esta pesquisa está sendo desenvolvida pela psicóloga Luciana Novais de Oliveira Brito (CRP 09/5824), sob a orientação do professor Dr. Fabio Jesus Miranda. Esta pesquisa é requisito para conclusão do Mestrado em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

O objetivo desta pesquisa consiste em investigar as transformações e o processo de construção da família moderna, influenciada pelo rápido avanço tecnológico, científico e pelas transformações histórico-sociais, e analisar o impacto da contemporaneidade nas relações familiares e no modo de criar os filhos. É pela grande importância da família na vida de um indivíduo que se faz necessário buscar compreender os conflitos que vem permeando o processo de criação dos filhos. E o resultado dessa criação para a vida adulta do sujeito. Para isso, será necessário conhecer como vocês pais e filhos veem essa relação familiar hoje.

A pesquisa se realizará por meio da aplicação de questionários que deverão ser preenchidos e, ainda, por meio de uma entrevista (gravada em áudio). A entrevista será feita pela pesquisadora e nela buscaremos conhecer o que vocês pensam sobre os assuntos que serão abordados.

A sua participação é voluntária, podendo desistir a qualquer momento durante a realização da entrevista. Você também tem a liberdade de não responder qualquer pergunta que não desejar. Você não será penalizado de forma alguma.

Os dados colhidos serão utilizados unicamente no âmbito desta pesquisa. A sua identidade será mantida em sigilo. Sua participação é muito importante na realização da

pesquisa para que possam ser avaliadas as mudanças que tem ocorrido com a instituição família na atualidade, contudo você não receberá nenhum incentivo direto para aceitar participar do estudo e, como não prevemos nenhum risco pela sua participação, também não há previsão de nenhuma forma de ressarcimento. Contudo, caso haja qualquer problema em função desta pesquisa, providenciaremos para que você seja atendido (a).

Os dados desta pesquisa poderão ser publicados em revistas científicas e congressos, preservando a identidade dos participantes. Caso existam dúvidas ou você queira se informar de mais detalhes sobre a pesquisa, a pesquisadora está à disposição a qualquer momento para responder seus questionamentos. O telefone para contato da pesquisadora é (62) 8427-0348. Para aceitar fazer parte do estudo, você deve assinar o final deste documento que está em duas vias, uma delas é sua e a outra da pesquisadora responsável.

---

Pesquisadora: Luciana Novais de Oliveira Brito

Telefone: (62) – 8427-0348

**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO**

Eu, \_\_\_\_\_, RG/  
CPF/ \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar do  
estudo \_\_\_\_\_, como sujeito. Fui  
devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador(a)  
\_\_\_\_\_ sobre a pesquisa com o tema “Família  
Contemporânea: complexidades e desafios atuais”, seus objetivos, os procedimentos nela  
envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação.  
Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto  
leve a qualquer penalidade ou interrupção de meu acompanhamento/  
assistência/tratamento.

Goiânia, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Nome e assinatura do sujeito:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Pesquisadora: Luciana Novais de Oliveira Brito

Telefone: (62) 8427-0348

**ANEXO B****Ficha de Características Sócio-demográficas**

Nome: \_\_\_\_\_; Sexo: ( ) F, ( ) M

Idade: \_\_\_\_\_ ; Natural de: \_\_\_\_\_ Estado

Civil: \_\_\_\_\_; Mora com: \_\_\_\_\_

Religião: \_\_\_\_\_; Escolaridade: \_\_\_\_\_ anos;

Nº de Filhos: \_\_\_\_\_; Idade dos Filhos: \_\_\_\_\_

Renda: Pessoal: \_\_\_\_\_

Familiar: \_\_\_\_\_

Tipo de Moradia: ( ) Própria; ( ) Alugada; ( ) Outra: \_\_\_\_\_



## ANEXO C

## ENTREVISTAS

Família 1 – Entrevista – Mãe – F.

TEMAS CENTRAIS	EXTRATO	CORPUS DISCURSIVO
Representação idealizada da família	1	<b>O que é família pra você?</b> É onde tem amor, dialogo atenção, companheirismo, afeto. É a base, um porto seguro.
Refere-se a família de origem. Referência ou uma ligação a família de origem e não a constituída.	2	<b>Como é sua família?</b> É unida, temos problemas também, mas nos reunimos em festas, conversamos, agora estamos um pouco afastados por causa de alguns problemas, mas sempre gostamos de nos reunir ( <i>Se referia a sua família em geral</i> ).
Crítica ao outro, a realidade começa a aparecer de forma diferente da idealização. Há um distanciamento do pai, falta dialogo.	3	<b>E como é a sua família, você seu marido e seus filhos?</b> Temos muito afeto, respeito um pelo outro, conversamos, eu dou muita atenção a eles, gostamos de nos abraçar, de estarmos juntos. Meu marido é mais na dele, quase não conversa com os filhos, o negócio dele é trabalho.
Preocupação excessiva com o trabalho. Há uma divisão entre as funções parentais, o pai provedor e a mãe que cria, educa.	4	<b>Como você vê isso?</b> Eu acho ruim, ele deveria conversar mais, levar eles pra sair, pra tomar um suco. Mas ele não faz, é o tempo todo preocupado com o trabalho, com dinheiro. Não é de perguntar se ta bem, como foi na escola, ele é desligado.
Divergências de opiniões com relação à forma de criar os filhos - Projeção do desejo dos pais, fator relevante para o futuro dos filhos.	5	<b>Então a preocupação dele é ser o provedor?</b> É ele até gostaria que os filhos trabalhassem aqui com ele (na loja). Eu não concordo, eu acho que eles têm que estudar seguir outros caminhos.
Identificação com a demanda da mãe	6	<b>E o que seus filhos acham disso?</b> Eles também não querem ficar aqui (loja), eles querem estudar, fazer outras coisas.
Não passagem da posição filha – mãe	7	<b>Qual a importância da família?</b> A família é tudo, a pessoa que não tem família não tem nada, é uma pessoa vazia. A pessoa tem que ter família, tem que se reunir ter contato com as avós. É a base.
Novamente uma representação idealizada do que é ser mãe. Função afetiva. Discurso sobre família e sua função diferente da realidade	8	<b>O que é ser mãe?</b> É quem cuida, dá afeto, carinho, quem conversa, orienta.
Filhos desejados		<b>Como foi a escolha por ter filhos?</b>

- 9 Eu casei nova, tinha 20 anos e com um ano de casada eu resolvi que queria ter filho e ai parei de tomar o remédio e engravidei
- Mãe outorga lugar de autoridade ao pai 10 **E para o pai como foi?**  
Ele também queria, queria até mais filhos.
- Visão distorcida da realidade e novamente uma representação idealizada de quem gostaria que fosse a autoridade 11 **Quem exerce a autoridade na sua família?**  
O pai, eles respeitam muito ele, ele é mais na dele, mais fechado, não é muito de conversar, mas a autoridade é ele.
- Discurso de que a criação é uma responsabilidade compartilhada diferente do que ocorre na realidade. 12 **Quem é o principal responsável pela criação/educação?**  
Os dois.
- Contradição no discurso, reafirma a ausência do pai 13 **Mas é você que orienta mais?**  
Quando ele tem uma oportunidade ele fala, mas muito pouco, mas eu é que falo mais.
- Divisão das tarefas 14 **Como são divididas as funções no que diz respeito à educação?**  
Ele preocupa mais como a parte financeira e eu é que converso, oriento
- Conflitos resolvidos com diálogo. 16 **Como você (pai ou mãe) age quando seu filho faz algo de errado?**  
Conversamos, nós sempre resolvemos as coisas conversando. Lá em casa a gente não grita, eu chego e converso.
- Ênfase no dialogo 17 **Como você se sente em relação ao que faz?**  
Sinto-me bem, acho que tem que conversar, não adianta ser rígido demais.
- 18 **Você já corrigiu e depois se arrependeu? Como foi?**  
Não
- Ênfase no dialogo 19 **Quando você proíbe algo, você explica ou justifica o por quê?**  
Explico, o que é certo, o que é errado, porque pode porque não.
- Ênfase no dialogo. Dificuldade de proibir, cede sobre insistência dos filhos 20 **Como se sente quando tem que permitir algo ou proibir?**  
Às vezes eu tenho dificuldade de proibir, quando eles insistem muito em alguma coisa que querem eu acabo cedendo. Por exemplo. Minha filha tem 15 anos pediu pra ir no shopping com uma amiga, e a mãe da amiga ia buscar. Ela disse que iria embora às 18h, ai deu 20h nada, deu 21 e nada, deu meia noite e nada, fiquei ligando o tempo todo. Ai quando ela chegou, eu conversei e disse que não podia ser daquele jeito.
- Pai não reage aos excessos. Há uma omissão do pai e uma mediação da mãe nessa relação 21 **E o pai como reagiu?**  
Ele ficou chateado, mas não disse nada pra ela, ele fala é pra mim.

- entre pai e filhos. A função da mãe é de mediadora.  
Dificuldades da criação impostas pelo contexto exterior à família. Como as drogas.
- 22 **Tem encontrado alguma dificuldade na criação de seus filhos?**  
Tenho com relação às más influencias você ensina uma coisa, mas ai tem os amigos que ensinam outras coisas. Eu acho difícil controlar isso.
- Busca de apoio profissional
- 23 **Você tem alguma ajuda ou orientação na criação? (TV, Livros, profissionais...)**  
**Você já recorreu a algum tipo de ajuda profissional em relação à criação dos filhos?**  
Já, psicólogo, meu filho entrou para a faculdade muito cedo, com 16 anos, começou a sair com más companhias e se envolveu com drogas, então procurei ajuda, mas já está tudo resolvido.
- Os problemas colocados a criação dos filhos podem extrapolar a capacidade da família para gerenciar determinadas situações. O contexto externo exerce influência na família.
- 24 **Porque chegou a esse ponto?**  
Ele sempre foi responsável, estudioso, educado e depois que entrou pra faculdade, onde a gente espera o melhor, ele se envolveu com más companhias. Ai fiquei sem saber o que fazer e resolvi procurar um psicólogo pra ajudar.
- 25 **Já utilizou outros meios para se orientar, como livros...?**  
Não, livro não eu vou mais pela minha cabeça mesmo, e pelo meu coração
- 26 **E como foi sua criação?**  
Foi muito boa, aproveitei muito, curti muito, sai muito, tinha muita liberdade
- Visão idealizada da família. Criação com liberdade.
- 27 **E seu relacionamento com seus pais como foi?**  
Eu praticamente não tive pai, eles se separaram, ele sumiu e fomos perdendo o contato. Eu fui criada mais pela minha mãe e pelos meus tios. Eles eram muito rígidos e autoritários.
- Rigidez, autoridade masculina
- 28 **E mesmo assim você tinha liberdade como você disse?**  
Tinha, mas pela minha mãe.
- 29 **Quais valores você recebeu?**  
Respeito, união.
- 30 **Qual foi o ponto central da sua criação?**  
A falta do pai, principalmente na época de escola, todo mundo tinha o pai e eu não. Isso foi muito difícil (Se emocionou)
- Falta da figura paterna
- 31 **Qual foi a diferença entre a sua criação e a do seu filho?**  
Tem o mesmo respeito, a união, mas eu tenho mais a cabeça deles, acompanho eles. E minha mãe não, a cabeça dela ficou parada no tempo, ela não conversava muito, era muito reservada
- Ideal de proximidade – Simetria  
Vivência de hierarquia - Assimetria
- E com quem você conversava, aprendia as coisas?**

- 32 Com os amigos
- Tempo moderno X Educação tradicional 33 **Você pensa que pode criar seus filhos da mesma forma como foi criado? Porque sim? Ou Porque não?**  
Não, acho que hoje é outra época, muito diferente de antes.
- Ceder a pressão. 34 **Às vezes você sente que errou ou erra na criação dos seus filhos? O que sente?**  
Sim eu dava tudo pra eles pararem de chorar. Eles tinham uns 3, 4 anos. Tudo que eles pediam eu dava, só para não ouvi-los chorar  
**E porque esse choro te incomodava tanto?**  
Eu trabalhava muito, chegava em casa cansada, tinha que cuidar de casa, do marido, dos filhos. Eu já dava o que elas pediam logo para eles pararem de chorar.  
Outra coisa também foi que não tinha muito tempo pra eles, quando eram pequenos, estudava, trabalhava. Falava com eles mais por telefone quando dava.  
Outra coisa foi ter colocado numa escola tradicional que era mais barata, mas era muito rígida, eles maltratavam meus filhos. Na frente dos pais eles eram uma coisa e por trás eram outra. E isso os deixou reprimidos, hoje eles têm dificuldade de se expor de conversar em publico. Acho que esses foram meus três erros.
- Inserção no trabalho influencia no modo de criar.  
Tempo para educar  
Não acompanhou de perto os filhos na escola. 35 **Mas na época eles não te falaram nada com relação à escola, você não percebeu?**  
Eles vieram me falar agora. Eles falaram: “Mãe porque você colocou a gente naquela escola, eles puxavam nossa orelha, xingavam”. Eu acho que eles ficaram traumatizados.
- O trabalho distanciou do processo de criação. 36 **Então o fato deles terem dificuldade de se expressar você acha que foi por causa da escola?**  
Foi, a mais nova que não estudou lá, é diferente, é mais comunicativa, tem a personalidade forte. Agora os outros tem muita dificuldade de se expor, de falar com muitas pessoas.
- Muitas vezes o problema apresentado pela criança é na verdade um sintoma dos pais 37 **Existem situações em que você fica sem saber o que fazer? Quais?**  
Essa fase da “aborrecencia”. Quando começa a sair. Para a menina eu coloco horário, mas o menino já está com 18 anos, ele escolhe os horários dele.
- Ideal (Divisão entre autonomia feminina/ masculina.)  
Real (Não tem controle/ autoridade) 38 **Você acha que perde o controle?**  
Acho, porque eu não sei o que eles estão fazendo.  
Igual a que tem 15 anos, uma vez disse que ia numa viagem da escola e depois eu fiquei sabendo que ela ia sair com o namorado.
- A tarefa de educar é uma prática difícil, porém não se pode esquivar dela.  
Perda do controle/ autoridade 39 **E o que você fez?**
- Evita conflitos

40 Conversei com ela, disse que ela não podia fazer mais aquilo. Ela diz que não namora, que a cabeça dela agora está voltada para o estudo. E eu procuro acreditar na palavra dela

41 **Você conversa com seus filhos? Sobre o que vocês geralmente conversam?**

Conversamos sobre tudo. O pai não, ele não conversa muito, eu acho isso errado ele deveria conversar mais

Omissão do pai

**Como você sente com relação a isso?**

42 Me sinto sobrecarregada, tudo sou eu. Se eles fazem algo de errado, o pai fica chateado, mas não fala nada pra eles, fala pra mim. Eu é que tenho que resolver.

43 **Mas você disse que ele é autoridade?**  
(risos) eles respeitam muito ele, mas eu é que falo as coisas.

44 **Como é a relação entre os membros da sua família? Todos se dão bem? Tem briga discussão?**

Somos muito unidos, brigamos às vezes, mas somos unidos.

**Você e seus filhos conversam sobre sexo?**

Sim às vezes estamos reunidos, aí surge o assunto e conversamos

45 **E sobre drogas?**

Sim, sobre tudo

Dificuldade em impor limites.  
Cede com facilidade

**Você sente dificuldades em colocar limites para seu filho?**

46 Tenho, quando eles querem alguma coisa, eles insistem e eu acabo cedendo. Mas não é tudo, aquilo que eu não acho que é bom eu não cedo.

47 **A televisão hoje incentiva a compra de produtos cada vez mais modernos, como tênis, celulares, vídeo games, etc... Como vocês lidam com isso?**

A gente dá na medida do possível. Isso é tranquilo, não temos condição de dar tudo, porque são três filhos, a despesa é alta. Mas eles entendem.

48 **Você sente que tem que dar tudo para seu filho?**

Não de forma alguma, só dou aquilo que está dentro das nossas condições. E eles entendem isso.

49 **Como você vê a influencia desses produtos na educação dos filhos?**

É difícil controlar. Igual a internet aqui, eles gostam, ficam o tempo todo. Mas pode estar fazendo alguma coisa de errado. Eu procuro não interferir

Omissão - conflito

**Mas se você não interfere como vai vê se tem alguma coisa de errado?**

- 50 Eles falam que não estão fazendo nada demais, eu procuro confiar. Igual a de 15 anos adora ficar no MSN, tem 180 amigos, eu pergunto com quem você tanto conversa? Ela diz: Ah! Mãe são meus amigos.
- 51 **Em algum momento sentiu que é ou era incapaz de criar seus filhos?**  
Não, nunca achei isso.
- Como você vê as relações familiares hoje?**
- 52 A família tem que ser mais unida, tem que ter referência procurar ter contato com os avôs, tios, primos. Porque amigos você tem depois afasta e família não.
- 53 **Quais são os maiores problemas entre pais e filhos atualmente?**  
Tem que ter mais diálogo  
**\* O que você espera de seu filho?**  
Que nos respeitem sempre, que retribua tudo que a gente faz hoje. Que vá sempre nos visitar, não se afaste. Que estudem e tenham tudo de bom.
- 54 Eu estou aqui (loja) hoje pra eles estudarem. Abri mão dos meus estudos pra ficar aqui. Apesar de que eu terminei um curso superior, fiz pedagogia, mas queria ter feito odontologia. Na época foi à oportunidade que apareceu e eu aguarrei.
- 55 **Mas você quer que seus filhos continuem o que você não fez?**  
Não de forma alguma, quero que sigam os caminhos dele.

### Família 1 – Entrevista –Pai – N.

TEMAS CENTRAIS	EXTRATO	CORPUS DISCURSIVO
Conceito ideal de família, como algo fundamental.	1	<b>O que é família pra você?</b> - É a base de tudo
	2	<b>Como é sua família?</b> - São bons, bons de convivência.
Visão de que a família é quem tem o papel de orientar. Discurso diferente da realidade.	3	<b>Qual a importância da família?</b> - a família serve para aconselhar os outros a não fazer coisa errada, é muito importante, é um dependendo do outro.
Visão esclarecida da função de pai e ao mesmo tempo a consciência de que não exerce essa função com deveria.	4	<b>O que é ser pai?</b> - É dar bons exemplos, procurar sempre compartilhar a vida, as dificuldades e as vantagens também, educar. Não é nada fácil, às vezes as atitudes não corresponde com o que deve ser feito, na parte dos pais. Mas a gente faz o possível.
	5	<b>Como foi a escolha por ter filhos?</b>

- Constituição natural, desejo e planejamento
- foi naturalmente, com o tempo foi acontecendo
- 6** **Vocês decidiram juntos? Como foi?**  
Sim
- 7** **Foi com quanto tempo de casado?**  
Ah! Já tinha uns 2 3 anos
- Contradição, incerteza de quem realmente exerce a autoridade.  
Função de autoridade com a mãe.
- 8** **Quem exerce a autoridade na sua família?**  
Eu acho que é dividido em partes iguais, mas às vezes minha esposa coordena mais que eu, na questão de cobrança, eu também cobro, mas ela cobra mais do que eu.
- Há uma divisão de tarefas. Demonstrando a questão cultural de que o pai deve ser o provedor e a mãe fica com a parte afetiva e educacional.
- 9** **Quem é o principal responsável pela criação/educação?**  
Eu sou mais responsável na parte financeira, mas com relação à educação eu sou mais desleixado. Ela é que coordena mais.
- Discurso que algo que seja ideal, diferente da realidade.
- 10** **Seus filhos reconhecem a autoridade de vocês?**  
Sim
- Há uma contradição entre a percepção do que seja função de autoridade e a execução propriamente dita da autoridade.
- 11** **Como você age quando seu filho faz algo de errado?**  
Eu procuro orientar pra não fazer mais coisa errada.
- Os filhos têm mais liberdade de falar com a mãe. Porém o pai se exime desses diálogos. Mãe exerce a autoridade.
- 12** **Como é essa orientação?**  
Eu chego e converso, mas geralmente a F. fica sabendo primeiro do que eu e já resolve.
- Procura não entrar em conflito com os filhos. A palavra “entender” colocada pelo pai, dá a impressão de “não entrar em contato”. Exime do papel. Usa via indireta = mãe.
- 13** **E como você reage?**  
Depende do que, mas geralmente não faço nada demais não, eu procuro entender
- Discurso diferente da realidade.  
Resposta sempre pautada pelo ideal de família. Há uma contradição. Não se refere a aspectos reais.
- 14** **Como você se sente em relação ao que faz?**  
Bem, eu acho que tem que ser assim mesmo, tem que conversar pra tentar resolver
- 15** **Você já corrigiu e depois se arrependeu? Como foi?**  
Não
- 16** **Quando você proíbe algo, você explica ou justifica o por quê?**  
Eu explico
- 17** **Como se sente quando tem que permitir algo ou proibir?**  
Normal, é tranquilo
- 18** **Quais dificuldades têm encontrado na criação de seus filhos? (No filho)(No pai/mãe)**

Não, Nenhuma

- 19 **Você tem alguma ajuda ou orientação na criação? (TV, Livros, profissionais...)**  
Não
- 20 **Você já recorreu a algum tipo de ajuda profissional em relação à criação dos filhos? Porque chegou a esse ponto?**  
Não
- 21 **Fale como foi sua criação?**  
Foi muito rígida, bastante rígida
- 22 **Quais valores você recebeu?**  
Respeito, honestidade, trabalho
- 23 **Qual foi o ponto central da sua criação?**  
Trabalho, sempre trabalhar muito
- 24 **Seu pai é que dizia isso?**  
Não ele, não trabalhava muito. Eu que resolvi que tinha que trabalhar desde cedo, pra conseguir as coisas
- 25 **Quem era a autoridade na sua casa?**  
Era minha mãe.
- 26 **Qual foi a diferença entre a sua criação e a do seu filho?**  
A diferença que eu vejo é que os jovens de hoje trabalha muito pouco, tinha que trabalhar mais. Antes a gente tinha que trabalhar pra conseguir as coisas, hoje esses jovens não pensa na frente, no futuro, como que vai ser, às vezes tem preguiça. Igual aqui a gente tem um problema, porque eu acho que nossos filhos têm que trabalhar aqui (na loja) comigo, mas a F. acha que não. Pra que no futuro eles não tenham dificuldade.
- 27 **Você pensa que pode criar seus filhos da mesma forma como foi criado? Porque sim? Ou Porque não?**  
Não, hoje são outra época, outros parâmetros. Meu pai tinha uma maneira de pensar e a minha é outra, e assim por diante.
- 28 **Qual era a diferença da maneira de pensar dele e a sua?**  
Meu pai trabalhava, mas não fazia as coisas andar, não preocupava muito em desenvolver. Eu já trabalho muito e penso em progredir.
- 29 **E isso você aprendeu com quem?**  
Com a minha mãe
- 30 **E na sua família quem era a autoridade?**  
Meu pai demonstrava ser ele, mas quem fazia as coisas andarem era minha mãe
- 31 **Às vezes você sente que errou ou erra na criação dos seus filhos? O que sente?**  
Não
- Valor principal é o trabalho.  
Busca repassar isso aos filhos
- Pai voltado para o trabalho.
- Preocupação com o trabalho,  
com o sustento da família.
- Repetição da dinâmica  
familiar de origem com a  
família atual. E uma  
identificação inconsciente com  
o pai.
- Diferença de pensamento entre  
pai e mãe – conflito.
- O modelo de criação dos pais  
não é referência para a criação  
atual.
- O centro da atenção é o  
trabalho.
- Repetição inconsciente do  
modelo familiar.
- Mãe – figura executora.



- 32 **Existem situações em que você fica sem saber o que fazer? Quais?**  
Não
- Atitude passiva diante dos conflitos familiares 33 **Você conversa com seu filho? Sobre o que vocês geralmente conversam?**  
Conversamos. Sobre qualquer assunto. Minha esposa conversa mais que eu. Geralmente a conversa passa por ela primeiro.
- Omissão do pai 34 **Porque?**  
Eu fico mais na minha, não sou muito de conversar, nem interferir.
- Mãe sempre a frente das situações. 35 **Como é a relação entre os membros da sua família? Todos se dão bem? Tem briga discussão?**  
É boa a relação, tem brigas, mas no geral é bom. A mãe deles é mais nervosa briga mais, eu já sou mais calmo.
- Omissão. Temas Tabu 36 **Você e seus filhos conversam sobre sexualidade?**  
Não
- 37 **E sobre drogas?**  
Não
- Omissão do pai. Fica numa posição secundária. Ausente na criação. 38 **Porque você não conversa?**  
A mãe é que conversa
- 39 **Você sente dificuldades em colocar limites para seu filho?**  
Não
- 40 **A televisão hoje incentiva a compra de produtos cada vez mais modernos, como tênis, celulares, vídeo games, etc... Como vocês lidam com isso?**  
A gente dá na medida do possível, mas se for alguma coisa que a gente não pode, então eles tem que trabalhar pra conseguir
- 41 **Como você vê a influencia desses produtos na educação dos filhos?**  
Tem o lado bom e o lado ruim, às vezes ensina coisa errada, mostra o caminho errado para as pessoas
- 42 **Você sente que tem que dar tudo para seu filho?**  
Não, eu acho que eles tem que trabalhar para conseguir
- Ideal diferente do real Contradição. 43 **Em algum momento sentiu que é ou era incapaz de criar seus filhos?**  
Não
- Discurso diferente da realidade como se isso só ocorresse com outras famílias.. 44 **Como você vê as relações familiares hoje?**  
Eu acho que falta estrutura, tem muitas famílias que os pais trabalham fora, não sabe o que o filho está fazendo em casa. Tem que ter mais união, os pais têm que orientar melhor. Tem que ter mais respeito um com o outro
- Projetam-se nos filhos imagens de nossa própria felicidade. Esperam que realizem o projeto dos pais 45 **\* O que você espera de seu filho?**  
Que sejam honestos, direitos, trabalhadores, que consigam vencer na vida, pra que não tenham as dificuldades financeiras que eu tive.

**Família 1 – Entrevista - Filha – A. - 15 anos**

<b>TEMAS CENTRAIS</b>	<b>EXTRATOS</b>	<b>CORPUS DISCURSIVO</b>
	<b>1</b>	<b>O que é família pra você?</b>
Ideal de acolhimento		Família seria a minha base. A quem eu recorro quando estou passando por algum problema. Não só nos momentos difíceis, mas também na alegria. Compartilhar.
	<b>2</b>	<b>Como é sua família?</b>
		É tranqüila, a gente tem um bom relacionamento.
	<b>3</b>	<b>Qual a importância?</b>
		Eu acho que acima de tudo são as pessoas que eu mais prezo, e que eu tento valorizar o máximo possível, porque, é uma relação que eu posso recorrer sempre à eles
A mãe é que exerce a autoridade. E está sempre a frente.	<b>4</b>	<b>Quem exerce a autoridade na sua família?</b>
		Minha mãe
	<b>5</b>	<b>Quem é o principal responsável pela criação/educação?</b>
		A minha mãe também
O pai como mediador da mãe.	<b>6</b>	<b>Como são divididas as funções com relação à criação/educação?</b>
		Os dois, meu pai também participa. Por exemplo, se a gente vai sair tem que pedir pra minha mãe e depois ela fala com ele (pai).
Demonstra um discurso politicamente correto. Ideal de família e função da família	<b>7</b>	<b>Como seus pais agem quando você faz algo de errado?</b>
		Geralmente eles conversam comigo, os dois juntos vem e ver qual que é o problema, se tem solução e tal
	<b>8</b>	<b>O que você sente com relação ao que eles fazem?</b>
		Acho que é melhor, melhor do que punir... eles punem de vez em quando.
	<b>9</b>	<b>A forma como eles agem pra você está bom?</b>
		Está bom
	<b>10</b>	<b>Eles já te corrigiram em alguma coisa e depois se arrependeram? Como foi?</b>
		Não
	<b>11</b>	<b>Quando seus pais te proibem de fazer alguma coisa, eles explicam ou justificam o por quê?</b>
		Geralmente eles justificam, eles falam. Não minha mãe explica, meu pai justifica
Questionamento aos pais. Simetria das relações.		Minha mãe ela explica o porquê daquele fator, da decisão dela. E meu pai já vai direto ao ponto
	<b>12</b>	<b>Direto ao ponto como?</b>
		Ah! É isso e pronto.
	<b>13</b>	<b>Você acha que eles têm que explicar ou justificar?</b>

Acho que tem que explicar

**14 Como você se sente quando eles te proibem ou permite alguma coisa?**

Eu geralmente busco saber o porquê daquilo

**15 Você reconhece a autoridade da sua mãe?**

Sim

O pai fica de fora e há uma proximidade maior com a mãe.

**16 Você conversa com seus pais? Sobre o que vocês geralmente conversam?**

Converso, sobre tudo. Mais com minha mãe, com meu pai a gente conversa pouco, porque ele trabalha muito.

**17 Como é a relação entre os membros da sua família? Todos se dão bem? Tem briga discussão?**

É bom, tem briga de vez em quando, mas é bom

Lugar central da mãe

**18 Você e seus pais conversam sobre sexo?**

Com minha mãe sim

**19 E como é essa conversa?**

É tranquila

**20 E sobre drogas?**

Também

**21 Hoje temos visto muito falar sobre o uso de drogas. O que você pensa sobre isso?**

Eu acho que as pessoas que procuram esse tipo de coisa são pessoas com mente fraca, são pessoas que não tem opinião formada, às vezes elas não tem estabilidade emocional, é o que leva as pessoas a fazerem isso.

**22**

**A televisão hoje incentiva a compra de produtos cada vez mais modernos, como tênis, celulares, vídeo games, etc... Como vocês lidam com isso?**

Bem, eu gosto, uso de vez em quando, mas não tenho aquela ficção de ficar sempre comprando só marca.

IDEAL

**23 E quando você quer alguma coisa e seus pais não te dão?**

Ai eu espero, espero pra ver a oportunidade que eu posso ter aquele produto

**24 Você sente que seus pais te dão tudo?**

Sim

**25 Quem você gostaria de ser quando crescer?**

Meu pai (se emocionou)

Modelo de identificação

**26 Quem é seu herói?**

Meu pai

**27 Por quê?**

Porque o modo de vida dele, a historia de vida dele é muito bonita. Ele sempre foi um cara muito esforçado. Já meu avô é um daqueles caras assim que nunca trabalhou na vida dele, e meu pai é muito esforçado, ele conseguiu praticamente tudo que ele quis.

- 28 **Quem são as pessoas mais importantes na sua vida?**  
**Minha mãe**, meu pai, meus irmãos e minha avó.
- Família como lugar de conflito  
 29 **Como você vê as relações familiares hoje?**  
 Ah! Sempre há uns conflitos, mas a gente tem que preservar essa união familiar, porque pra mim é a coisa mais importante que tem
- Realidade na família  
 30 **Quais problemas você vê hoje nas relações pais e filhos?**  
 Eu acho que é o fato de às vezes não haver aquela comunicação sabe?
- Dificuldades no dialogo.  
 Características da comunicação  
 Conversa=monologo.  
 31 **Na sua família falta essa comunicação?**  
 Um pouco... Às vezes é difícil você chegar e falar o que você realmente pensa, porque às vezes é difícil você dar uma opinião sua que às vezes é contraria a dos pais. Sempre é difícil você chegar e falar o que pensa.
- 32 **E como você gostaria que fosse?**  
 É... Nossa é difícil essa pergunta...
- 33 **Você disse que deveria conversar mais, e seus pais não conversam?**  
 Sempre falta, sempre falta, eu acho que falta por parte da minha mãe, escutar mais.
- Dificuldades no dialogo.  
 Contradição entre o que foi colocado pela mãe e a realidade.  
 Escuta diferente de ouvir  
 O pai não escuta, ele ouve.  
 Desejo de simetria, igualdade  
 34 **Mas você disse que ela é a que conversa mais com você?**  
 É, mas é porque minha mãe gosta muito de ter a opinião dela, o que prevalece é a opinião dela, praticamente. E meu pai ele **escuta** mais do que fala.
- 35 **E o que você pensa disso?**  
 Eu acho que deveria haver mais um equilíbrio
- 36 **Qual é a função deles na sua vida?**  
 Eles é que define tudo na minha vida, meu trajeto todinho
- 37 **\*O que você espera de seus pais?**  
 Espero que eles estejam sempre comigo. É isso.

### Família 2 – Entrevista – Mãe – A.

TEMA CENTRAIS	EXTRATOS	CORPUS DISCURSIVO
Ideal de família como lugar central	1	<b>O que é família pra você?</b> Família pra mim é a base de tudo, é tudo.
	2	<b>Como é sua família?</b> É bom, meu relacionamento com meu esposo, com as minhas filhas, tem brigas como toda família, mas é boa

- Visão idealizada do que é ser mãe. **3** **O que é ser mãe?**  
É o melhor presente de Deus é ser mãe. É a melhor coisa pra uma mulher é ser mãe, é o melhor presente que ela pode ganhar.
- Não houve planejamento para ter filhos, nem para formar uma família. Isto é um fato recente que ainda ocorrem com muitos casais. **4** **Como foi a escolha por ter filhos?**  
A primeira filha não foi bem uma escolha. A gente namorava ai eu fiquei grávida, tivemos que casar quase às pressas porque eu já estava de seis meses. A segunda foi planejada, depois que a gente conseguiu comprar essa casa ai resolvemos ter ela. Nossa foi à melhor coisa que aconteceu
- Idealização **5** **Como foi essa experiência de ter engravidado sem planejar?**  
Foi difícil no começo, minha família levou um susto, a família do Luis, mas depois que passou essa fase foi tudo numa boa foi muito bem aceito. Graças a Deus
- O ideal de ser mãe é diferente do que ocorre na realidade de ter cometido um erro. **6** **Como é sua experiência com suas filhas?**  
Eu não quero que elas errem como eu errei. Então eu tento passar isso pra elas, pra não errarem como eu. Tudo que eu fiz que estivesse errado que eu acho que não estava certo, eu passo pra elas. Para elas não cometerem o mesmo erro.
- 7** **Quais erros seriam esses?**  
O erro que eu falo é de no namoro eu ter engravidado cedo, eu deveria ter esperado, ter esperado casar ou ter uma estrutura melhor. Foi uma fase muito difícil, eu era muito jovem. Deveria ter esperado mais, ter esperado casar. São coisas que a gente acha que acontece com os outros que comigo não vai acontecer. É isso que eu passo pra elas
- Mãe outorga o lugar de autoridade ao pai. **8** **Quem exerce a autoridade na sua família?**  
Meu esposo, com certeza
- 9** **Quem é o principal responsável pela criação/educação?**  
Os dois
- Mãe referencia o pai no lugar de autoridade **10** **Como são divididas as funções no que diz respeito à educação?**  
Não tem bem uma divisão não, é o dois. Eu fico mais tempo com elas, mas se tem alguma coisa que eu não estou dando conta de resolver ou está fugindo do meu controle ai eu passo pra ele.
- 11** **Seus filhos reconhecem autoridade do pai?**  
Reconhecem,
- Há uma correção com dialogo. **12** **Como você age quando suas filhas fazem algo de errado?**  
Eu reclamo na hora, dou bronca na hora, se for preciso dou até umas palmadas, coloco de castigo. É mais ou menos isso, bater é muito

pouco, às vezes eu dou umas palmada, mas é muito raro, muito raro mesmo. No geral a gente conversa, conversa muito e o castigo é aqueles castigo assim, não vai brincar, não vai usar computador,

- Tem dificuldade de educar com mais rigor - limites
- 13** **Como você se sente em relação ao que faz?**
- Eu sinto que às vezes eu deveria ser mais rigorosa, não consigo ser por isso que às vezes quando alguma coisa sai do meu controle, eu passo pro L. Às vezes ele é mais duro  
Mas às vezes eu acho que eu poderia ser mais rigorosa
- Dificuldade de estabelecer critérios entre o limite ideal do processo de educação.  
Dificuldade em estabelecer parâmetros. Ora é rígida demais, ora não interfere.
- 14** **Você já corrigiu e depois se arrependeu? Como foi?**
- Já, teve uma vez que eu estava muito cansada e a N. me respondeu e eu peguei e bati na boca dela, isso me doeu muito depois. Eu deveria ter relevado, não, eu não deveria ter relevado eu deveria ter agido de outra forma, não pelo meu impulso, pelo meu cansaço. Ai eu reconheço que errei nessa parte. Na hora eu não demonstrei pra ela, mantive firme, doeu muito em mim, mas eu esperei, não fui atrás e depois procurei justificar o que eu tinha feito.
- Deve satisfação, explicação.  
Há uma horizontalidade, como se os filhos estivessem no mesmo patamar. Uma simetria.
- 15** **Quando você proíbe algo, você explica ou justifica o por quê?**
- Eu justifico e depois explico o porquê eu estou fazendo aquilo. Eu explico o que não pode. Eu não sei se eu estou confundindo explicação com justificação. Mas eu faço assim, eu explico o porquê eu estou proibindo. Igual teve um dia que a N. queria sair com o primo dela, é rapaizinho novo tem 16 anos, e ele queria sair com ela de moto, e ele não tem habilitação, ai ela pediu pra mim. Eu falei que não podia porque ele era de menor, não estava habilitado. Era perigoso sair de moto, então eu expliquei porque eu não estava deixando.
- Explicar – quando se fala do motivo racional, porque pode, porque não pode.
- Justificar – quando se fala no motivo emocional. Ex. estou fazendo isso porque sou seu pai, não que eu queira, mas é preciso.
- Explicar é um fator positivo se não extrapolar e perder o controle, deixando que os filhos agem como se estivesse no mesmo patamar dos pais.

**16 Como se sente quando tem que permitir algo ou proibir?**

Proibir é mais difícil, principalmente porque nós pais acaba ficando muito ausente dos filhos, infelizmente, nossa vida de trabalho, pela correria. Às vezes a gente fica um pouquinho longe delas. É mãe, mulher, esposa, dona de casa, afinal é tudo. Isso faz com que você se sinta culpada quando o filho pede alguma coisa e você proíbe. E aí acaba cedendo um pouco.

Cede pela culpa de se ausentar pelo trabalho. Mudança no papel da mulher

Conflitos – voracidade da criança do adolescente, de querer tudo

**17 Quais dificuldades têm encontrado na criação de seus filhos?**

Tenho principalmente da N. nessa fase de adolescência. É uma fase que eles querem tudo, não gosta que você proíbe, só gostam de ganhar, não gostam de dar, de doar. Então é muito difícil, querem fazer tudo, respondem. Então a gente tem que ser dura, se não tomam conta.

Essa é a questão. Os pais acreditam que “cedendo” por culpa estão ajudando. E na verdade estão atrapalhando muito, pois corrigir, proibir, educar é uma demonstração de amor.

**18 Mas qual é a sua dificuldade com isso?**

De proibir quando é necessário, como eu falei eu às vezes tento suprir a falta deixando elas fazerem algumas coisas que querem.

**19 Tem outra dificuldade?**

Não é isso, dessa fase de adolescente. Tem que a N. fica com ciúme da mais nova, porque ela é hiperativa, e aí ela acha que a gente dá atenção mais pra outra, ela acha ruim. Porque acaba que você dá mais atenção pra outra, por ela ser assim. Mas eu falo pra ela, que tem momentos que a L. precisa mais.

Busca referências

**20 Você tem alguma ajuda ou orientação na criação? (TV, Livros, profissionais...)  
Você já recorreu a algum tipo de ajuda profissional em relação à criação dos filhos?**

Não, como ajuda não, a gente leu um livro, inclusive a N. também leu, chama Filhos brilhantes, alunos fascinantes do Augusto Cury. Ajuda Profissional só pra L. por causa da hiperatividade dela

A família tem um lugar afetivo.

**21 Fale como foi sua criação?**

Muito rigorosa, muito, muito. Vim de família muito humilde, meu pai é alcoólatra. Teve muita dificuldade (se emocionou ao falar do pai)...

**22 Quais valores você recebeu?**

Ser uma pessoa trabalhadora, honesta

**23 Qual foi o ponto central da sua criação?**

Foi meu pai era muito rude, eram seis filhas mulheres e meu pai era alcoólatra, é alcoólatra até hoje. Eu tenho lembranças muito ruins da minha infância da minha adolescência.

**24 Por causa do seu pai?**

É por causa do meu pai, e pelas dificuldades financeiras que tinha.

**25 E com quem você conversava, aprendia as coisas?**

Era mais pela minha mãe, meu pai ensinava muito pouco. Mais pela minha mãe, de ser uma pessoa trabalhadora. Ela só não era aquela mãe carinhosa.

**26 Qual é a diferença entre a sua criação e a criação das suas filhas?**

É enorme, é o que eu falo pra elas sempre, sempre, pra elas agradecerem tudo que elas têm. E eu mostro pra elas tudo que eu não tive e que elas têm hoje. Pra dar valor as coisas porque às vezes acha que é pouco, mas eu não tive isso, não tive nada disso aqui.

**27 Você quer dar a elas o que você não teve?**

Eu não falo assim, eu quero supri elas o que eu não tive, não, isso não. Mas eu mostro assim os valores das coisas, às vezes ela pede aquele calçado, mas eu mostro pra ela não você já tem dois, aí ela fala não mais eu quero, e eu falo não mais não pode. Eu sempre falo pra ela que quando eu estudava, eu levava o caderno com capa de plástico, ia de chinela havaiana, e às vezes minha mãe colava quando arrebatava, não tinha tênis. Não andava de carro. Então é isso pra elas darem valor no que elas têm.

**28 Às vezes você sente que errou ou erra na criação delas? O que sente?**

Erro é difícil não errar. Mas às vezes eu acho que eu deveria ser mais rígida, ter mais autoridade, não deixar toda autoridade com o L.

**29 Porque você acha que isso acontece? Que você tem essa dificuldade?**

Eu tenho essa dificuldade, eu acho que, não sei se tem haver com o passado, com o que eu não tive, com os nãoos que eu levei, não quero que ela receba aquele não, então é isso

**30 Que “nãoos” foram esses?**

Assim, muitas vezes eu queria ir à missa, eu era criança e meu pai nunca deixava ir, nunca deixava e eu chorava porque queria ir. Às vezes quando minha mãe me deixava tinha que ir escondido do meu pai, tinha que chegar antes dele pra ele não desconfiar, porque se ele chegasse da rua ai ele ia brigar. Não podia sair muito pra passear. Era isso.

**31 Existem situações em que você fica sem saber o que fazer com elas? Quais?**

A história da mãe é pautada na falta, e isso é usado como referência na educação.

Tem dificuldade em exercer a autoridade. O pai nesse caso é central.

Busca criar as filhas de uma forma diferente da que foi criada. A referência da criação não serve. Serve como o que se deve evitar.

Insegurança - horizontalidade



Existe, às vezes acontece de ficar **insegura**, principalmente quando a **N. responde**, fica trancada no quarto aí fico pensando o quê que eu vou fazer o quê que pode acontecer. Tanto é que eu falo pra ela que eu vou colocar ela pra trabalhar cedo pra ela aprender.

**32 Você conversa com elas? Sobre o que vocês geralmente conversam?**

Converso muito com ela, muito mesmo. Sobre tudo, tudo, drogas, eu tenho muito medo de envolver né. E praticamente ela só sai com a gente, não sai sozinha. Eu sempre falo pra ter cuidado com amizades, porque tem amizades que é falsa só quer levar para o mau caminho

**33 E sobre sexualidade vocês conversam?**

Sexo, fora da comunicação

Não ainda não, nunca conversei. Porque a N. ta com 13 anos, e ela é tão menina ainda que eu nunca conversei sobre sexualidade, ainda não.

**34 E ela nunca perguntou?**

Não, ela é muito tímida também, ela nunca me fez nenhuma pergunta a esse respeito não.

**35 Como é a relação entre os membros da sua família? Todos se dão bem? Tem briga discussão?**

Dificuldade com conflito.

Nossa relação é muito boa, tirando a parte que às vezes tem que dar bronca, mas é uma relação muito boa. Briga tem de vez em quando, mas a gente conversa e tenta resolver.

**36 Você sente dificuldades em colocar limites para suas filhas?**

Tenho, tenho muita dificuldade em impor limite

**37 Porque?**

É como eu falei, por ficar às vezes muito tempo fora de casa, aí você deixa fazer muito o que quer, é difícil colocar limite. Às vezes você quer suprir a falta dando ou deixando fazer alguma coisa.

**38 Você acha que isso é bom?**

Tem a idéia sobre limite, mas não coloca em pratica, não exerce.

Não, não, porque eu tenho um exemplo vivo na minha família. A minha irmã é enfermeira formada, curso superior e tem um filho de 16 anos, ele é filho único e ele é tudo que uma mãe não queria que o filho fosse. Então eu tenho muito medo de errar como ela errou deixando ele fazer tudo, dando tudo, errou por excesso. Não corrigiu antes.

**39 A televisão hoje incentiva a compra de produtos cada vez mais modernos, como tênis, celulares, vídeo games, etc... Como vocês lidam com isso?**

Há uma influência paralela, entre o modelo de família mostrado nos meios de comunicação e o modelo que se tem em casa.

A N. é muito tranqüila com relação à roupa, calçado ela é muito tranqüila. Ela não entrou nessa fase ainda de eu quero isso, eu quero aquilo. Ela não tem isso ainda não.

Dificuldade na educação.

- 40 **Como você vê a influencia desses produtos na educação dos filhos? Como a televisão, a internet?**
- Tem partes boas, tem partes ruins. A televisão, a internet também, é como se você falasse uma coisa em casa e eles falassem outra. Porque eu sempre falo assim, o caminho ruim é muito fácil de você seguir, é muito chamativo. Nesse aspecto a televisão e a internet é muito ruim. Eles mostram que o bonitinho é aquele que sai a noite que vai pra balada beber, fumar. A televisão mostra isso.
- Contração entre o pensamento e a ação.
- 41 **Você sente que tem que dar tudo para seu filho?**
- Não, eu não acho que tenho que dar tudo. Acho que eu tenho que dar pra elas o que é necessário. Claro, às vezes a gente dá mais do que precisa, mas o correto é você dar o necessário. Não só pra falar: “Ah! Eu tenho isso”, mas pra saber a necessidade.
- 42 **Em algum momento sentiu que é ou era incapaz de criar seus filhos?**
- Não, nunca me senti incapaz não
- Família lugar de conflito.
- 43 **Como você vê as relações familiares hoje?**
- Pelo menos do que eu vejo, mais próximo de mim, existe muito conflito entre pai, mãe e filho
- 44 **Porque você acha que acontece esses conflitos?**
- Eu acho que é essa parte deles quererem fazer tudo, essa parte de colocar limite. Do filho querer sair, igual eu falei pra você do meu sobrinho às vezes ele quer sair pra festa e a mãe não deixa, ai ele briga, chora, vira aquela discussão toda
- 45 **O que você espera de suas filhas?**
- Tudo que eu ensino pra elas, que elas guardem aquela sementinha dentro dela. Que aquela sementinha brote, e que elas aprendam tudo que eu ensinei. Todo exemplo que eu dou que elas guardem e passam pra frente, ensinem para os filhos dela também. E lembre-se das coisas boas que aprendeu comigo. É isso que eu espero.

### Família 2 – Entrevista – Pai – L.

TEMAS CENTAIS	EXTRATO	CORPUS DISCURSIVO
Família ideal, lugar de acolhimento.	1	<p><b>O que é família pra você?</b></p> <p>Família pra mim é a base, o porto seguro, é onde eu me sinto bem, é junto da família. Faço tudo em função da família.</p>
Visão idealizada da família.	2	<p><b>Como é sua família?</b></p> <p>É boa, tenho um relacionamento tranqüilo com a minha esposa, com minhas filhas. Tenho uma que é criança a outra é adolescente, mas não me dão trabalho</p>
	3	<p><b>O que é ser pai ou mãe?</b></p> <p>Ser pai pra mim é uma responsabilidade muito grande. Minha filha</p>

mais velha tem 13 anos eu tenho 36, fui pai muito novo, foi uma responsabilidade muito grande, apesar de hoje está um pouco mais maduro. Mas a responsabilidade eu acho que só tende a aumentar.

- |  |    |  |  |
|--|----|--|--|
| Não houve planejamento para ter filho e nem constituir família       | 4  | <b>Como foi a escolha por ter filhos?</b>                                  | Quando nos casamos minha esposa já estava grávida, então a primeira não veio planejada pro momento. Não tínhamos casa própria ainda, morávamos num barracão na casa da minha mãe. Depois conseguimos esse lote, construímos tudo direitinho, após termos nossa casa foi que a gente conseguiu planejar a segunda filha. Quase cinco anos depois nós tivemos a segunda filha  |
| Busca na família de origem as referências para a criação dos filhos. | 5  | <b>Como é sua experiência com suas filhas?</b>                             | Eu tento me dedicar ao máximo, o máximo possível. A experiência que eu procuro ter é como meus pais, meus avós, passar um pouquinho do que eles me passaram. Eles foram exemplos de pessoa, da forma como eles organizavam a família. Eu penso em ser um pouco do que eles foram. Que são ainda, meus pais está vivo, meus avós não. Então eu procuro me estruturar com base no que eles fizeram.  |
| Função de autoridade delimitada ao pai                               | 6  | <b>Quem exerce a autoridade na sua família?</b>                            | Eu exerço, eu tenho uma autoridade forte dentro da minha família, mas minha esposa também tem  |
|  | 7  | <b>Seus filhos reconhecem sua autoridade?</b>                              | Reconhecem   |
| Divisão de tarefas   | 8  | <b>Quem é o principal responsável pela criação/educação?</b>               | Eu divido as responsabilidades   |
|  | 9  | <b>Como é dividido essas responsabilidades?</b>                            | Dividir é cobrar, dar bons exemplos pra elas   |
|  | 10 | <b>Mas como é dividido entre você e sua esposa com relação a educação?</b> | É igual. Porque minha esposa trabalha no período da tarde, ai eu fico mais tempo com elas no período da tarde. Quando ela chega às meninas já estão dormindo. No período da manhã é mais na hora do almoço, a gente divide muito as responsabilidades e nos finais de semana a gente fica todos juntos. Geralmente nos finais de semana a gente não se separa. É dividido, não tem assim um faz uma coisa outro faz outra  |
| O pai possui uma forma de educar mais rigorosa do que a mãe          | 11 | <b>Como você (pai ou mãe) age quando seu filho faz algo de errado?</b>     | Eu chamo a atenção, eu não tenho o habito de bater nas meninas, nunca tive esse habito. Às vezes eu até dei umas palmadas, uma coisinha. Mas eu não tenho habito de fazer isso. Quando eu estou em casa elas respeitam, elas têm um pouquinho mais de resistência com a minha esposa. Porque minha esposa às vezes tenta contornar, ai elas desobedecem, mas comigo elas respeitam mais. Às vezes eu uso castigo também, como não deixar usar computador, não usar vídeo-game. |
|  | 12 | <b>Como você se sente em relação ao que faz?</b>                           |  |

Eu acho assim, não sei se estou correto com minhas atitudes. Eu acho que quando elas fazem alguma coisa de errado, você não pode simplesmente falar, porque falar nós estamos sempre falando, mas quando faz alguma coisa de errado a gente tem que sacrificar um pouco mais e dá uma punição, deixar de brincar, deixar de fazer alguma coisa que elas gostam de fazer.

**13 E como você se sente com relação a isso?**

Eu me sinto feliz, eu gostaria que não fosse necessário chegar a esse ponto, porque é ruim você ter que cortar alguma coisa que eu sei que elas gostam de fazer, então não sinto confortável, mas eu sei que é necessário fazer

**14 Você já corrigiu e depois se arrependeu? Como foi?**

Já, já sim

Dificuldade em estabelecer parâmetros no processo de educar. Ora é excessivo, ora falta.

**15 Você se lembra o que foi em qual situação?**

Não me lembro de uma situação específica, mas às vezes quando repreendi, dando palmadas e depois achei que não era necessário chegar a esse ponto, depois de refleti e vê que realmente não tinha necessidade de chegar a esse ponto

**16 Quando você proíbe algo, você explica ou justifica o por quê?**

Eu explico, eu explico o motivo de estar fazendo aquilo

Dificuldade em proibir. Busca outras alternativas para não chegar a esse ponto.

**17 Como se sente quando tem que permitir algo ou proibir?**

Quando a gente permite, é porque a gente acredita que elas vão ter responsabilidade naquilo que vai fazer de acordo com o limite que elas podem fazer. Agora quando proíbe é porque elas fizeram algo que levou a proibir, então eu explico pra não fazer coisas erradas pra não ter que levar a esse tipo de punição. Mas eu não me sinto a vontade quando eu tenho que proibir

**18 Quais dificuldades têm encontrado na criação de seus filhos?**

Ah! Sempre tem alguma dificuldade. Principalmente com N. que é a mais velha, que é adolescente, ela já está tendo muita resistência, às vezes de querer fazer algumas coisas sozinha, ainda bem que ela é muito compreensiva, mas às vezes ela está muito rebelde em casa, briga com a irmã mais nova, desobedece a minha esposa, não muito mas as vezes tem ocorrido. Então eu acho que é uma dificuldade e cada fase da vida vai mudando a dificuldade.

Falta de experiência e insegurança.

**19 Mas essa é uma dificuldade com relação a essa fase dela, mas e você qual é a sua dificuldade com essa fase dela?**

Eu acho que a minha dificuldade é a falta de experiência, de estar passando por um problema que é novo pra mim na condição de pai, nunca passei por isso também.

Busca referências.

**20 Você tem alguma ajuda ou orientação na criação? (TV, Livros, profissionais...)  
Você já recorreu a algum tipo de ajuda profissional em relação à criação dos filhos?**

Eu gosto de assistir programas educativos, aquele da super Nanny que passa, tem livros, a gente leu um livro filhos brilhantes alunos

fascinantes. Converso muito com os professores, nós somos muito participativos na escola que ela estuda, estamos sempre acompanhando.

**21 E com relação à ajuda profissional, vocês já procuraram?**

Ajuda profissional no momento a gente está tendo, somente por causa da minha filha mais nova, que tem hiperatividade. Ela está fazendo tratamento com uma psicóloga. No começo eu até tive uma resistência com isso porque eu não achava que era necessário, mas ela está fazendo o tratamento

**22 Como foi sua criação?**

Na minha criação eu tive muita liberdade na minha infância. Vim de uma família muito humilde, em que os pais saiam pra trabalhar e deixavam os filhos só em casa, eu sou o mais novo de uma família de oito irmãos. Eu acho que foi uma infância boa, não tinha tanta violência, tanto envolvimento com droga igual tem hoje. Então apesar de ter oito irmãos, não teve ninguém com esse tipo de problema.

**23 E como era a educação que seus pais te passavam?**

Eles não eram de conversar muito, se fizesse algo de errado que eles não gostassem eles batiam mesmo, batia de chinela, batia de vara. Meu pai já não era muito de bater, era mais de conversar tanto que eu me lembro de ter tomado surra do meu pai apenas uma vez, mas da minha mãe foram várias

**24 Quais valores você recebeu?**

Dar valor nos pais, que a família é a base de tudo, são valores assim que apesar de não ter me passado isso assim explicando, falando claramente, mas são valores que a gente aprendia com a vivência com eles.

**25 Qual foi o ponto central da sua criação?**

Da família mesmo, com dificuldades financeiras, a gente tinha uma casa muito humilde pra morar, mas que era muito unida. Não tinha esse negocio de pessoas isoladas, a família estava sempre unida, tanto os irmãos quanto os avós. Era uma união muito forte, e hoje em dia a gente já vai perdendo esse tipo de união

**26 Qual a diferença entre a sua criação e a criação dos seus filhos?**

Com relação a minha filha eu acho que ela vive num mundo hoje muito diferente. Existe muita preocupação de não deixar sair de casa, ela não sai só. Até isso assim de levar pra escola, buscar, eu não precisava disso quando eu era pequeno, eu estudava perto de casa eu ia só. Mas em questão de onde elas vão, a gente leva, busca. Essa preocupação de estar sempre monitorando por causa dessa violência que existe hoje.

**27 Você pensa que pode criar ela da mesma forma que você foi criado?**

Não, porque hoje é completamente diferente, com relação a essa violência que tem acontecido, o risco de sair de casa, as amizades que as vezes mostra algum desvio de conduta

Modelo de família, rígido, de obediência, de valorização da família

**28** **Às vezes você sente que errou ou erra na criação dos seus filhos? O que sente?**

Eu acho que a gente está sempre errando, às vezes a gente faz alguma coisa e acha que está certo, mas o que eu procuro errar, quando eu erro alias eu procuro ta corrigindo, pra não errar mais. Às vezes de estar mais próximo, aconselhar, acompanhar as coisas de escola que minha esposa acompanha mais do que eu, mais de perto. Assim, mas eu também procuro acompanhar, procuro ta olhando.

**29** **Mas o que você acha que erra mais?**

Eu acho que ta conversando, orientando mais. Ter conversas preventivas, pra que não venha acontecer, igual quando eu casei a minha esposa já estava gestante. A adolescente na idade que ela ta hoje, tentar conversar sempre, pra que ela não cometa os erros que a gente cometeu.

Contradição entre o ideal e a realidade.

Discurso diferente da realidade.

**30** **E você conversa com ela sobre tudo?**

Não, sinceramente ainda não, a gente mesmo sabendo que tem que conversar tem que ter um papo aberto, ainda assim não teve um momento de falar assim vamos conversar uma coisa mais séria.

**31** **Porque você acha que acontece isso?**

A gente fica esperando o momento, que alias já chegou e fica esperando um pouco mais. Mais assim eu tenho certeza que a gente ainda vai chegar, vai conversar. É que a gente vive numa correria terrível. Mas quando tiver que conversar a gente vai conversar

**32** **Como é a relação entre os membros da sua família? Todos se dão bem? Tem briga discussão?**

É uma relação muito boa. Procuramos estar sempre juntos, em alguma festinha, alguma comemoração, a família vai toda junto, não tem esse negocio de um ir para um lado outro ir pra outro. Nossa relação é muito boa

Idealização.

**33** **Você sente dificuldades em colocar limites para seu filho?**

Não, não sinto não

**34** **A televisão hoje incentiva a compra de produtos cada vez mais modernos, como tênis, celulares, vídeo games, etc... Como vocês lidam com isso?**

Sem duvida, tanto que hoje quando a gente sai pra comprar alguma coisa, ela quer escolher o que quer o calçado tal. E assim estando comigo, eu procuro orientar, comprar o calçado mais barato. Mas se depender dela, ela não tem um amadurecimento assim, de pesquisar, ver que não é só comprar

**35** **Como você vê a influencia desses produtos na educação dos filhos? Como a televisão, a internet?**

Eu acho que as vezes só tem coisa negativa, porque as vezes passa pra pessoa ter o habito a vontade de ter coisas que as vezes não está

A influencia dos meios externos na educação.

no nosso alcance. As vezes a propaganda na televisão de algum produto que elas querem ter, mas que a gente não tem condição de ta adquirindo. Então da mesma forma que tem o lado positivo tem também o lado negativo.

**36 Você sente que tem que dar tudo para seu filho?**

Não, eu não sinto que tenho que dar tudo. Eu sinto assim, eu vou dar o que for necessário, o que for importante pra elas principalmente na questão da educação. Porque graças a Deus com questão de alimentação a gente não tem problema aqui em casa. E o que mais me preocupa é na parte da educação, com relação a roupa, calçado isso ai eu acho que não é o mais importante

**37 Em algum momento sentiu que é ou era incapaz de criar seus filhos?**

Não

**38 Como você vê as relações familiares hoje?**

Eu acho que de forma geral está desencadeando para um lado ruim, muitos pais não tem controle dos filhos, os filhos não obedecem aos pais

**39 Porque você acha que isso está acontecendo?**

Eu acho que pela banalização da violência que não tem controle, o uso de drogas, eu acho que isso tem acontecido demais. Se o pai tem que trabalhar, a mãe tem que trabalhar, não fica próximo o tempo todo, as vezes ele não sabe onde o filho está, o que ta fazendo

**40 \* O que você espera de seu filho?**

Eu espero assim o que eu puder passar da minha experiência de vida, das referências que eu tive. Se eu puder passar uma boa educação, eu espero passar. No momento em que elas forem adultas, que elas tiverem condições de fazer o que elas quiserem fazer. Eu não vou ficar segurando a minhas filhas a vida toda, e a partir do momento que elas tiverem discernimento de separar as coisas que são importantes que a gente tem passado pra elas, elas vão ter liberdade também de fazer o que elas quiserem

**Família 2 – Entrevista – Filha – N.**

<b>TEMAS CENTRAIS</b>	<b>EXTRATO</b>	<b>CORPUS DISCURSIVO</b>
Ideal de família	1	<b>O que é família pra você?</b>  É Tudo pra mim, é com quem eu fico junto, almoço, faço tudo junto, pra mim é isso
Realidade é diferente do ideal	2	<b>Como é sua família?</b> Na hora do almoço fica todo mundo junto, na hora da janta não, é que meu pai faz faculdade e minha mãe ta trabalhando. Ai a gente fica só
Falta dos pais	3	<b>E o que você acha disso?</b>

- Eu não gosto não, queria que ficasse todo mundo junto
- Família lugar de conflitos      **4**      **E como é o relacionamento de vocês?**  
 É bom, mas tem briga de vez em quando
- 5**      **Que tipo de brigas?**  
 É gracinha mesmo eu com a minha irmã. As vezes ela me implica muito, e eu também implico ela.
- 6**      **Quem exerce a autoridade na sua família?**  
 Meu pai e minha mãe, mas meu pai é mais rígido.
- 7**      **Quem é o principal responsável pela criação/educação?**  
 São os dois
- 8**      **Como seus pais agem quando você faz algo de errado?**  
 Eles me corrigem me dão broncas
- 9**      **O que você se sente com relação ao que eles fazem?**  
 Muito ruim
- Horizontalidade      **10**      **Porque?**  
 Dói mais que uma surra. Dói a consciência
- 11**      **Eles já te corrigiram em alguma coisa e depois se arrependeram? Como foi?**  
 Acho que já, mais eu não lembro
- Quando seus pais te proíbem de fazer alguma coisa, eles explicam ou justificam o por quê?**  
 Eles explicam
- Horizontalidade - Simetria      **12**      **O que você acha disso?**  
 Eu acho que eles estão sendo justos né, é porque eu fiz alguma coisa por isso eles proíbem, e tem que explicar mesmo
- 13**      **O que você sente quando eles te proíbem de fazer alguma coisa?**  
 É muito ruim, é porque às vezes eu quero fazer alguma coisa e eles não deixam.
- Educação através de punição.      **14**      **Como que eles te punem?**  
 Eles tiram alguma coisa que eu gosto muito, igual o computador.
- 15**      **Porque você acha que eles fazem isso?**  
 Porque eu fiz alguma coisa de errado.
- 16**      **Você reconhece a autoridade dos seus pais? (FILHOS)**



As vezes

**17 Porque?**

Porque as vezes eu não gosto. Igual quando a L. faz alguma coisa comigo, aí eles põem a culpa em mim. E as vezes eu não fiz nada. Mas eles falam que eu sou maior, que eu tenho que ter cabeça pra lidar com essas coisas

**18 E o que você acha disso?**

Tem vez que eu acho que eles estão certos. Tem hora que é gracinha da minha irmã e eu caio. E às vezes eu não tenho culpa e eles não vêem isso.

**19 E você já falou isso pra eles?**

Já

**20 Você conversa com seus pais? Sobre o que vocês geralmente conversam?**

Converso, sobre tudo.

**21 Você e seus pais conversam sobre sexo?**

Não

**22 Hoje temos visto muito falar sobre o uso de drogas. O que você pensa sobre isso?**

Eu acho que as autoridades têm que ajudar com incentivos os adolescentes pra evitar que isso aconteça

**23 E seus pais conversam com você sobre isso?**

conversam

**A televisão hoje incentiva a compra de produtos cada vez mais modernos, como tênis, celulares, vídeo games, etc... Como vocês lidam com isso?**

Depende quando tem uma roupa que eu quero, depende do modelo, aí se eu quiser eu corro atrás

**24 Corre atrás como?**

Fico no pé deles, até eles me darem

**25 Você sente que seus pais te dão tudo?**

Dão

**26 Tudo que você quer eles te dão?**

Tudo que está dentro das possibilidades

**27 Quem você gostaria de ser quando crescer?**

Eu gostaria de ser uma médica

**28 Quem são as pessoas mais importantes na sua vida?**

Meu pai, minha mãe, e minha irmã

**29 Como você vê as relações familiares hoje?**

Tá muito diferente do que era antes. Antes todo mundo ficava junto

Ideal diferente da realidade

Falta da companhia dos pais

em casa, hoje todo mundo trabalha muito não fica muito tempo em casa, com a família. Hoje tem muitos filhos que fica contra a mãe contra o pai.

**30 \*O que você espera de seus pais?**

Muita coisa...

Eu espero que meu pai termine a faculdade dele, que ele se realize profissionalmente, que minha mãe faça faculdade que ela quer.

**31 E pra você?**

Que eu estude também